

ANEXO 2

PROGRAMA PROEXT 2016

1.1. IDENTIFICAÇÃO DA AÇÃO

TÍTULO:

ARTE, HISTÓRIA E LÍNGUA MAXAKALI-PATAXÓ: EDUCAÇÃO PÚBLICA INTERCULTURAL E INTEGRAL NA REGIÃO SUL DA BAHIA

Coordenadora: Rosangela Pereira de Tugny

Programa Edital PROEXT 2016

Universidade Federal do Sul da Bahia

Pró-Reitoria de Sustentabilidade e Integração Social

Instituto de Humanidades, Artes e Ciências. Campus Sosígenes Costa de Porto Seguro

01/jan/2016

31/dez/2017

Recurso: R\$ 299.720,00

MEC

UFSB

1.2 Carga horária total: 12.576 h

Justificativa da carga horária: Este projeto, concebido sob a forma de um Programa com três projetos interdependentes, apresenta um escopo bastante abrangente, envolvendo as seguintes fases: 1. pré-produção, com um trabalho de pesquisa e preparação de viagens e oficinas, elaboração de editais para seleção de bolsistas e demais participantes, compra e instalação de equipamentos; 2. preparação dos estudantes em diferentes componentes curriculares; 3. pesquisa coletiva em viagens de intercâmbio e momentos diversos de construção de narrativas; 4. realização de várias oficinas; 5. organização e gestão do material audiovisual acumulado em todas as etapas, elaboração e edição do material gráfico e audiovisual; 6. Realização de laboratórios envolvendo a Rede de Educação Básica de Porto Seguro e a comunidade acadêmica da UFSB. Trata-se aqui de uma equipe com a seguinte carga horária de dedicação prevista para o projeto: quatro coordenadores com dez horas semanais, nove docentes/pesquisadores da UFSB com sete horas semanais, sete pesquisadores de outras instituições com quatro horas semanais.

Periodicidade: permanente

CURRICULAR

ABRANGÊNCIA: REGIONAL

Local: IHAC/Campus Sosígenes Costa de Porto Seguro

1.3. Público alvo:

1. Comunidades Pataxó e Tikmu'un_Maxakali: cerca de 5.000 pessoas;
2. Estudantes Indígenas de Porto Seguro: cerca de 3.000 pessoas;
3. Estudantes da UFSB: cerca de 1.400 pessoas;
4. Alunos e professores da Rede de Educação Básica de Porto Seguro: cerca de 8.000 pessoas;
5. Professores indígenas de Porto Seguro; Pesquisadores da língua Pataxó: cerca de 80 pessoas.

Descrição do público alvo

Em primeiro lugar, este Programa tem o intuito de contribuir com a formação dos estudantes da UFSB nesta prática integradora de Ensino, Pesquisa e Ações compartilhadas com as comunidades. Considera também como público privilegiado as comunidades Pataxó de Porto Seguro, Bahia, e os povos Tikmu'un_Maxakali dos Municípios de Ladainha, Bertópolis e Santa Helena de Minas em Minas Gerais, que demandam a possibilidade de intercâmbio, sem esquecer dos professores e alunos da rede de educação básica e das Escolas Indígenas. Mais especificamente, o Programa atende a uma demanda dos jovens pesquisadores Pataxó que fazem parte do movimento e grupo de pesquisa Patxohã. Por fim, o Programa se estende a toda a rede de escolas de educação básica de toda a região de Porto Seguro, Bahia.

Discriminar Público-Alvo	A	B	C	D	E	Total
Público interno da Universidade/Instituto	15	1.400	0	30	0	1.445
Instituições Governamentais Federais	10	40	0	3	0	53
Instituições Governamentais Estaduais	10	40	0	0	0	50
Instituições Governamentais Municipais	70	0	0	0	0	70
Organizações de Iniciativa Privada	0	0	0	0	0	0
Movimentos Sociais	0	0	0	0	4.000	4.000
Organizações Não Governamentais (ONGs/OSCIPs)	0	0	0	0	0	0
Organizações Sindicais	0	0	0	0	0	0
Grupos Comunitários	0	0	0	0	5.000	5.000
Outros	0	0	0	0	0	0
Total	105	1.480	0	33	9.000	10.618

1.4. Parcerias

Universidade do Estado da Bahia (UNEB)

Universidade Federal de Goiás (UFG)

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) (FIEI – Formação Interdisciplinar em Educação Indígena)

Pesquisadores indígenas do Patxohã

University of Massachusetts Amherst

Museu Nacional da UFRJ (PPGAS)

Museu do Índio-Funai (por meio do PRODOCLIN: Programa de Documentação das Línguas Indígenas e PROGDOC)

Coordenações regionais da FUNAI de Eunápolis (BA) e Governador Valadares (MG)

Superintendência de Assuntos Indígenas de Porto Seguro

Conselho de Caciques Pataxó

1.5. Caracterização da ação:

Linguística, Letra e Artes

Linha 2: Cultura e arte

4.2.1. Cultura, Arte e Educação

Resumo da proposta

Esta proposta insere-se na Linha Temática 2, Cultura e Arte e pretende cumprir quase todas as ações descritas no Subtema “Cultura, Arte e Educação”, por meio de três projetos interdependentes: 1. “Poesia e história nas cosmopistas maxakali-pataxó”; 2. “Os cantos tikmu’un no processo de revitalização da língua pataxó”; e 3. “Interculturalidade e currículo: cinema, etnomatemática e língua indígena na UFSB e na rede de Educação Básica”. Partindo de experiências precedentes e de demanda elaborada por professores Pataxó de Porto Seguro, almeja-se fortalecer e difundir a pesquisa destes professores envolvidos no processo de revitalização da língua Pataxó, por meio do estudo sistemático da língua pertencente à mesma família linguística, falada pelos parentes Maxakali. Este processo possibilitará a continuidade da construção dos laços interétnicos e de narrativas históricas que envolvem a separação territorial destes dois povos, possibilitando produção de materiais didáticos e artísticos, destinados às escolas indígenas e não indígenas da rede de Ensino Médio desta região, bem como fortalecer os componentes curriculares Práticas Compartilhadas das Licenciaturas Interdisciplinares da UFSB e IES parceiras, como forma de enriquecer os conhecimentos dos estudantes sobre a história local e reconhecer a presença civilizatória das sociedades indígenas que formam o tecido sociocultural da Bahia. Como princípio fundante da UFSB, a interculturalidade passa a ser, com este Programa, uma forma de enraizamento da universidade na região e um poderoso mote para o trabalho conjunto com a rede de educação básica em seu compromisso com a formação continuada de professores.

Palavras-chave: Povos indígenas; Interculturalidade; Língua e Poética Indígena; Povos Pataxó; Povos Tikmu’un Maxakali

Informações relevantes para avaliação da proposta

Esta proposta dá continuidade a uma série de pesquisas e trabalhos precedentes, sobretudo aqueles realizados no âmbito do PROEXT 2013, quando a coordenadora desta proposta

liderou o Programa “Convivência e ancestralidade no território tikmũ’ũn_maxakali”, ainda no quadro docente da UFMG. Por um lado, o Programa buscou promover uma aproximação entre os povos Tikmũ’ũn e os povos Pataxó, aliados ancestrais, que viveram juntos no sul do estado da Bahia. Foram realizadas viagens dos grupos entre as diferentes aldeias, na ocasião documentadas em registros fílmicos que resultaram na realização do filme *Cosmopista Maxakali Pataxó* pela equipe de videastas tikmũ’ũn.¹ A realização do projeto PROEXT-2013 também se deu no âmbito de Escolas do Ensino Fundamental e Médio de uma vasta região que circunda as terras indígenas onde vivem atualmente os povos Tikmũ’ũn, desde Governador Valadares até Almenara. Também como resultado daquele PROEXT 2013, foi publicado um livro intitulado *Cantos tikmũ’ũn para abrir o mundo* (Editora UFMG, 2013) que aborda temas ligados a biodiversidade, educação musical, escuta, xamanismo e histórico destes povos na região, distribuído durante mini-cursos realizados por equipes de alunos de graduação e doutorado e uma equipe de colaboradores indígenas, com participação de coros infantis e pajés em mais de 40 escolas da região. Foram ministrados mini-cursos para órgãos da administração pública como a Polícia Militar, Secretarias de Saúde, Funai, Sesai, CRAS-Teófilo Otoni (Centro de Referência de Assistência Social). O Programa permitiu constatar, juntamente com os professores da rede regular de ensino médio e fundamental e os profissionais que trabalham direta e indiretamente com estes povos, a enorme lacuna de conhecimento no que diz respeito ao pensamento, aos conhecimentos, às poéticas e formas de sociabilidade e cultura dos povos indígenas em geral e à necessidade de tornar esta iniciativa uma ação regular. Constatou-se sobretudo o quanto é profundo o preconceito no Brasil com respeito aos povos indígenas e especificamente aos tikmũ’ũn.

Assim, a presente proposta se estende territorialmente, com uma nova equipe de docentes e pesquisadores, dentro do contexto de consolidação de uma nova Universidade, que traz em seu Plano Orientador os pressupostos de compromisso com a rede de Educação Básica da região, valorização da diversidade cultural e promoção da igualdade étnico-racial, abrigo e potencializando as ações aqui propostas. Recentemente, a UFSB submeteu ao MEC o seu Plano de Cultura, direcionado ao Edital “Mais Cultura nas Universidades”. Neste plano, propõe-se a consolidação de uma “Rede de educação intercultural na região sul da Bahia” com base no entendimento de que a cultura fundamenta todos os processos de aprendizagem, buscando, na sua relação com a rede de Educação Básica, um mútuo trabalho de reconhecimento dos saberes tradicionais e populares da região. Esta proposta reúne uma equipe que, por agregar-se em torno de um projeto acadêmico institucional arrojado, emancipador e inclusivo, é formada por docentes/pesquisadores que acumularam em anos de pesquisa, ensino e trabalhos com a sociedade, experiências significativas e convergentes com os objetivos aqui propostos. Deve-se ressaltar ainda que este Programa tem como base pedagógica na UFSB duas inovações curriculares e o estágio supervisionado que também foi estruturado de modo inovador. Tais CCs vêm sendo realizados tanto nos Bacharelados Interdisciplinares (BI) quanto nas Licenciaturas Interdisciplinares (LI): “Experiências do Sensível”, o componente vocacional da Docência (que não é exclusivamente ofertado para as Lis, mas para todo o primeiro ciclo) e o estágio das Lis, chamado de “Práticas Compartilhadas”.

Detalhamento da Infraestrutura

¹ Colaboradores do projeto (Ricardo Jamal e Bruno Vasconcelos) exibido na exposição *Escavar o futuro* com curadoria de Renata Marquez e Felipe Scovino, no Palácio das Artes em Belo Horizonte. Ver: Projeto “Convivência e ancestralidade”: “Cosmopista Maxakali-Pataxo”. In: Catálogo *escavar o Futuro* (Org. Felipe Scovino, Renata Marquez, Fernanda Reginaldo, Renato Andrés, Wellington Cançado). Belo Horizonte: Fundação Clóvis Salgado, 2014, p. 292-297.

O Campus Sosígenes Costa (CSC) da UFSB está situado no Centro Cultural e de Eventos do Descobrimento (Centro de Convenções de Porto Seguro), tendo iniciado as suas atividades em setembro de 2014. Localiza-se no km 10 da BR 367 (rodovia Porto Seguro/Eunápolis). Trata-se de equipamento com uma área total construída de 19.370 m², dentro de um terreno de 232.000 m². Além de um Pavilhão de Convenções, o CSC dispõe de dois auditórios (para 1558 e 290 pessoas respectivamente), oito salas de aula e prédio específico para a administração do espaço, incluindo salas para pesquisa e trabalho de docentes. Cada estudante da etapa de Formação Geral tem à sua disposição um notebook, disponibilizado sob a forma de comodato. Os 42 docentes alocados no CSC e 27 TAs têm à sua disposição 80 estações de trabalho, 80 notebooks e cinco impressoras conectados em rede interna em pleno funcionamento. Todas as salas de aulas, no campus e nos dois Colégios Universitários sob a sua responsabilidade (CUNI Porto Seguro e CUNI Santa Cruz Cabralia), são equipadas com estações de trabalho, televisores de 55 polegadas e 9 retroprojetores, além de conexão à internet. O acesso à rede virtual conta com duas bandas: a principal de 100MB/s via Embratel, e outra secundária, de 50MB/s via Webfoco. Isso permite o pleno acesso à rede virtual para o desenvolvimento de atividades de ensino e pesquisa no CSC e CUNIs. O CSC conta ainda com um Laboratório de Produção de Conteúdo Digital em funcionamento para a preparação, oferta e acompanhamento das atividades de ensino metapresenciais e de pesquisa. O corpo docente do CSC é composto unicamente por docentes efetivos com titulação de doutorado em todas as áreas de conhecimento, distribuídos nas seguintes unidades de ensino: Instituto de Humanidades, Artes e Ciências de Porto Seguro; Centro de Formação em Comunicação e Artes; Centro de Formação em Ciências Humanas e Sociais e Centro de Formação em Ciências Ambientais.

Vinculação das atividades de extensão com o Projeto Pedagógico do Curso – PPC e com o Plano de Desenvolvimento da Instituição – PDI

A UFSB tem uma característica institucional que a torna particularmente singular em relação às novas universidades federais. De modo geral, as universidades criadas a partir do REUNI, constituem desmembramento de outras IFES. Na Bahia, temos, por exemplo, a Universidade Federal do Recôncavo (UFRB) e a Universidade Federal do Oeste da Bahia (UFOB) que surgiram do desmembramento da Universidade Federal da Bahia, tutora de ambas durante o período inicial de reorganização institucional. A UFSB, no entanto, não é fruto do desmembramento da UFBA, embora esteja presentemente sendo tutorada por esta. Por se tratar de uma Universidade completamente nova, iniciou suas atividades com uma Comissão Interinstitucional de Implantação que formulou o documento-base intitulado Plano Orientador que, até o momento, cumpre a função legal de Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI) desta universidade. Este documento encontra-se disponível no sítio da UFSB² e compreende o marco conceitual da Universidade, seus antecedentes e a análise do contexto de implantação, a arquitetura curricular da formação em ciclos; a estrutura dos Colégios Universitários, considerada a maior inovação estrutural-acadêmica da UFSB, seus modelos pedagógicos, organizacional e de gestão. Ademais, em documento anexo, apresenta sua Carta de Fundação, que explicita razão de ser e quatro princípios que presidem todas as ações, atividades, programas e projetos pedagógicos desta Universidade: Eficiência acadêmica, Integração social, Compromisso com a Educação Básica e Desenvolvimento regional.

Deste modo, o Programa aqui apresentado insere-se completamente no projeto de desenvolvimento institucional, em plena consonância com a razão de ser e os princípios

² Disponível em: <http://www.ufsba.ufba.br/sites/ufsba.ufba.br/files/Plano%20Orientador%20UFSB%20Final.pdf>. Acesso: 10 abril 2015.

desta Universidade. Dada a importância do Programa, outras instituições parceiras juntaram-se a nós para constituir esta equipe de trabalho que cumpre amplamente os critérios de interdisciplinaridade, interinstitucionalidade e interprofissionalidade requeridos, a saber, Universidade do Estado da Bahia (UNEB), a Universidade Federal de Goiás (UFG), a Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) (FIEI – Formação Interdisciplinar em Educação Indígena), pesquisadores indígenas do Patxohã, professores/pesquisadores da University of Massachusetts Amherst, e do Museu Nacional da UFRJ (PPGAS). Outras instituições parceiras são: o Museu do Índio-Funai (por meio do PRODOCLIN: Programa de documentação das línguas indígenas) e as Coordenações regionais de Eunápolis e Governador Valadares da FUNAI, a Superintendência de assuntos indígenas de Porto Seguro e o Conselho de Caciques Pataxó.

Qualificação da equipe proponente

Coordenação

Rosângela Pereira de Tugny, coordenadora da proposta, é bolsista de produtividade em pesquisa do CNPq, nível 1D, docente Associada IV da Universidade Federal do Sul da Bahia e integrante do INCT de Inclusão no Ensino Superior e na Pesquisa. Vem trabalhando em torno de um conjunto de repertórios mitopoéticos e musicais, registrados, transcritos e traduzidos em colaboração com autores indígenas tikmũ'ün e equipes de estudantes, bolsistas colaboradores. Em conjunto com estes colaboradores indígenas, participou de eventos, congressos, mostras de filmes, exposições, publicando livros bilíngues de repertórios míticos e musicais, cuja autoria é atribuída pelos Tikmũ'ün ao povo Morcego e ao povo Gavião (TUGNY et ali 2009a e 2009b). Em colaboração com o Museu do Índio criou e coordena o PRODOCSOM – Projeto de Documentação Sonora que conta com sete pesquisadores que investigam os repertórios cantados e soprados dos povos: Enawenê Nawê, Guarani Mbyá, Guarani Kaiowa, Baniwa, Maxakali e Krahô. O PRODOCSOM conta com 18 bolsistas indígenas, seis pesquisadores não indígenas colaboradores e um pesquisador indígena colaborador, um técnico de som e um cinegrafista, o que demonstra a sensibilização desta instituição para a grandiosidade e importância do repertório musical dos povos indígenas brasileiros. Interessada no projeto político pedagógico da UFSB, passou pelo processo de redistribuição desta Universidade, integrando o IHAC do Campus Sosígenes Costa de Porto Seguro desde julho de 2014. Já orientou mais de 60 estudantes de IC, mestrado, doutorado e pós-doutorado.

Equipe docente UFSB

Ana Cristina Santos Peixoto é Doutora em Linguística e Língua Portuguesa pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais - PUC-MG e Mestre em Linguística pela Universidade Federal de Uberlândia - UFU. Sua tese é sobre “A Construção da Identidade nas Narrativas Oraís das comunidades Quilombolas no sertão das Gerais”. Atualmente é Professora de Língua Portuguesa da Universidade Federal do Sul da Bahia - UFSB. Tem experiência na área de Linguística, com ênfase em Teoria e Análise Linguística, Análise do Discurso, Ensino de Leitura, Linguística Aplicada, Estágio Supervisionado e Formação Docente.

Anne Greice Soares Ribeiro Macedo é Professora adjunto I da Universidade Federal do Sul da Bahia, UFSB, do campus Sosígenes Costa em Porto Seguro. Graduada em Direito pela Universidade Católica do Salvador, especialização em Estudos Literários pela Universidade Federal da Bahia, mestrado em Letras pela UFBA e doutorado em Letras pela UFBA. cursou a graduação ("Laurea specialistica") em Línguas, Literaturas e Culturas Modernas na *Università degli Studi "G.d'Annunzio"*, Itália. Tem experiência na área de Letras, pesquisa, ensino a

distância, literatura e cultura. Tem interesse na interface entre direito e literatura, tendo desenvolvido, neste âmbito, tese de doutorado que aborda questões relativas às relações entre processos criativos, direito autoral e direito de imagem. Também a interface entre literatura e história é objeto de seu interesse. Tem atuado no ensino de Língua Portuguesa, sobretudo na perspectiva da Linguística Textual.

Augustin Maurice Marie Gondallier de Tugny é graduado em *Architecture Intérieure* - École Camondo, Paris, mestre em Arquitetura pela Universidade Federal de Minas Gerais e doutor em Artes pela Universidade Federal de Minas Gerais. Atualmente é Decano do Centro de Formação em Artes do Campus Sosígenes Costa, Porto Seguro, e professor adjunto da Universidade Federal da Bahia - UFSB. Tem experiência na área de Arquitetura, com ênfase em Arquitetura de Interiores, atuando principalmente nos seguintes temas: cor, arquitetura de interiores, iluminação e cenografia. Consultor em Design popular, foi curador da exposição Yümũgãhã' xahap (ensinando a tecer), que visou mostrar o trabalho de miçangas das mulheres maxakali de Aldeia Verde. Desenvolve pesquisa sobre as relações do corpo com o vestuário intitulada "roupa - fábrica do corpo".

Christianne Benatti Rochebois é professora adjunto da Universidade Federal do Sul da Bahia líder do Grupo de pesquisa "Histórias de vida e dinâmicas interdisciplinares" e membro dos grupos "LIDILE: Livro didático de língua estrangeira no Brasil" (USP) e "GRAC: Grammaire et contextualisations" (Paris 3 Sorbonne-Nouvelle). É integrante do NEF – Núcleo de Estudos Francófonos da FALE-UFMG. Seus projetos de pesquisa e extensão giram em torno do ensino/aprendizagem da língua através da perspectiva intercultural. Trabalhou durante alguns anos organizando a elaboração de material didático e sua aplicação em salas de aula plurilíngues, para um público de refugiados políticos na França. Coordenou durante dez anos o Centro de línguas da UFV (Universidade Federal de Viçosa), criando extensões dos cursos nas áreas periféricas da região. Seu último projeto de extensão implementou o ensino da língua francesa em seis creches públicas da cidade de Viçosa. Suas publicações versam sobre a história dos livros didáticos de francês no Brasil, o ensino/aprendizagem de línguas para crianças e o intercultural na sala de aula de línguas. Atualmente é docente da UFSB no campus Sosígenes Costa.

Cinara de Araújo é professora adjunto I da UFSB, integrando o IHAC do Campus Sosígenes Costa de Porto Seguro. Uma das líderes do Grupo Transdisciplinar de Pesquisa Literaterras: escrita, leitura e traduções - CNPq (FALE - UFMG), que desenvolve projetos literários, artísticos e editoriais, e pesquisas transdisciplinares sobre tradução e educação intercultural. Por meio de pesquisas feitas em conjunto com representantes de sociedades indígenas e afro-descendentes, o grupo investiga novos horizontes para os estudos literários, contribuindo para a criação de novas linhas de pesquisa nas universidades em que atuam seus membros, relacionadas à literatura como experiência. É membro do Núcleo de Literatura e Psicanálise LIPSI - CNPq (FALE-UFMG). Foi professora-pesquisadora (eixo Múltiplas Linguagens) do Curso Especial de Formação Intercultural de Educadores Indígenas (FIEI/FAE/UFMG), (2006-2011). Participou da pesquisa e da confecção coletiva do website "Bio-grafias Maxakali" (<http://livrosdafloresta.com.letas.ufmg.br>), parte integrante do Projeto Āpũ yümũyõg hãm mainã - "Vamos ensinar a cuidar de nossa terra", dos graduandos Maxakali do Curso de Formação Intercultural Indígena (FIEI/UFMG), eixo Múltiplas Linguagens - Literaterras (FALE-UFMG), com a Orientação do percurso de construção do website e Consultoria em Literatura Contemporânea (2008-2014). Integrou as pesquisas: "Livros da Floresta: do registro etnográfico à criação literária", coordenada por Cynthia Barra (2011-2014); "Xinã kaywá: o caminho de Txaitá Ibã na tradução e na ciência dos cantos do Rio Jordão" (2008-2013) e "Literatura indígena: experiência tradutória" (2007-2011), coordenadas por Maria Inês de Almeida.

Cynthia de Cássia Santos Barra é professora adjunto II da Universidade Federal do Sul da Bahia, coordenadora Pro tempore do Bacharelado Interdisciplinar em Artes, no campus Jorge Amado. Integra o Grupo de Estudos em Culturas, Educação e Linguagens - GECEL - UNIR, do Núcleo de Pesquisas Transdisciplinares Literaterras: escrita, leitura e tradução (UFMG) e o Grupo de Literatura e Psicanálise - LIPSI (UFMG). Graduada em Psicologia, Mestre em Literatura Brasileira, Doutora em Literatura Comparada, pela UFMG. Coordenou o Mestrado Acadêmico em Estudos Literários da UNIR (2012-2014) e o Subprojeto Letras/Literatura do Programa de Iniciação à Docência - PIBID/UNIR/CAPES (2012-2014); assumiu a função de Coordenadora Institucional do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) da UNIR, junto à CAPES, durante a fase de elaboração do projeto institucional. Desenvolve projeto de pesquisa intitulado "Livros da Floresta: do registro etnográfico à criação literária" (Edital Universal CNPq/2011-2013). Vinculados a esse Projeto, orientou oito planos de trabalho de Iniciação Científica (UNIR/CNPq) e uma dissertação de mestrado (MEL/UNIR), entre os quais destacam-se os seguintes: Ecos ameríndios em Sousândrade (Ruth Aparecida Viana da Silva/2014); Textos criativos de autoria Desana e a obra Dessana, Dessana (1997): imbricações literárias no Brasil contemporâneo (Jazilane Pessoa Oliveira Araújo / 2012-2013); Literatura indígena e os mitos Yanomami: um estudo comparativo das obras Mitopoemas Yanomami e Nar-o Gambá: mitos dos índios Yanomami. (Sebastiana Pereira dos Santos /2011-2012). Participou do Curso Especial de Formação Intercultural de Educadores Indígenas, 2006-2011 (FIEI/FAE/UFMG). Entre 2006-2012, participou da pesquisa "Bio-grafias Maxakali" (<http://livrosdafloresta.lettras.ufmg.br/>).

Daniel Fils Puig é professor adjunto I da Universidade Federal do Sul da Bahia. Doutor em Composição pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) e mestre em Composição Musical Assistida pelo Computador pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Atuou por mais de 20 anos como professor de música no Colégio de Aplicação da UFRJ (CAp-UFRJ, Ensino Básico e Formação de Professores) e nos cursos de graduação (Composição, Música e Tecnologia) do Conservatório Brasileiro de Música (UniCBM). Tem pesquisado práticas pedagógicas nas aulas regulares de música, com instrumentos alternativos, composição como estratégia para o ensino de música e o uso de meios eletrônicos. O projeto eletriCAp, recebeu o XII Prêmio Arte na Escola Cidadã, em 2011, na categoria Ensino Médio. Sua música tem um foco na integração orgânica entre intérpretes e meios eletrônicos ao vivo, flutuando livremente entre improvisação e material controlado, com uma ênfase especial em realizações multimídia. Já foi executada em diversos festivais no Brasil e no exterior. Em 2012 e 2013 fez estágio de Doutorado-Sanduiche junto à Universität der Künste (UdK), em Berlim, Alemanha, com Bolsa de Doutorado-Sanduiche pelo DAAD (Serviço Alemão de Intercâmbio Acadêmico), sob a orientação da musicóloga Profa. Dra. Dörte Schmidt.

Denise Maria Barreto Coutinho é professora adjunto IV da Universidade Federal da Bahia, atualmente cedida à UFSB. Lidera o Grupo de Pesquisa Estudos sobre a Universidade – CNPq, sendo sua principal linha de investigação “Epistemologias não-cartesianas: exploração de modelos na interface artes-humanidades”, na qual integra suas atividades de ensino-pesquisa e extensão, perseguindo as seguintes questões: Como sustentar, com rigor e sistematização, objetos de investigação em artes e humanidades, em uma conjuntura ainda fortemente marcada pela cultura científica, superando restrições da epistemologia cartesiana? De que maneira tal embate se manifesta na universidade, gerando conhecimento e, sobretudo, constituindo um circuito de formação de sujeitos formadores e produtores de conhecimento? Não se trata de abolir aquilo que a tradição tem estabelecido como ciência, mas alargar a discussão sobre papel e importância de outros campos do conhecimento, trazendo para o debate outras epistemologias que, desde o início do século 20, têm oferecido importantes ferramentas para a construção de sistemas de pensamento.

Doutora em Letras pela UFBA, com Doutorado-Sanduiche em Princeton University. Docente dos PPG em Artes Cênicas e PPG em Psicologia da UFBA. Membro da Associação Brasileira de Artes Cênicas. Coordenou, entre 2010-2013, a Área de Concentração em Estudos da Subjetividade e do Comportamento Humano dos Bacharelados Interdisciplinares da UFBA. Foi Líder do Subcomitê de Artes 2008-2012 e do Subcomitê de Ciências Humanas 2012-2013 no PIBIC-UFBA, tendo sido premiada, por duas vezes, pela orientação de estudantes de PIBIC na UFBA. Já orientou cerca de 50 estudantes de IC, especialização, mestrado e doutorado.

Eliana Povoas Pereira Estrela Brito Professora Associada da Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB) tendo sido redistribuída, em julho de 2014, da Universidade Federal de Pelotas onde ingressou em 1997. Graduada em Licenciatura em Pedagogia pela Fundação Universidade de Rio Grande - FURG/Rio Grande (1992). Especialista em Educação pelo Grupo de Estudos sobre Educação, Metodologia de Pesquisa e Ação GEEMPA/RS. Mestrado em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS e Doutorado em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS. Na Universidade Federal de Pelotas, exerceu a docência em diversas licenciaturas tendo ministrado disciplinas da área de políticas educacionais. Exerceu a função de Pró-Reitora de Graduação entre os anos de 2007 a 2011. Tem experiência na área de Educação a Distância, tendo coordenado a implantação dos cursos da UAB (Universidade Aberta do Brasil) na Universidade Federal de Pelotas (2006- 2009). Atua com pesquisadora na área do Currículo e Formação Docente, com ênfase, especialmente, em políticas de formação de professores, Educação a Distância e currículo. Em 2006, integrou a Comissão Especial para implantação da UNIPAMPA - Universidade Federal do Pampa, como professora representante da Universidade Federal de Pelotas (UFPEl).

Luiz Antônio Silva Araujo é professor adjunto da Universidade federal do Sul da Bahia. Licenciado em História pela Universidade Federal de Juiz de Fora (1985), mestre em História pela Universidade Federal Fluminense e doutor em História pela mesma instituição. Tem experiência na área de História, com ênfase em História do Brasil Colônia, atuando principalmente nos seguintes temas: Império Português, Economia e Política na Colônia, Contratos e comércio, Política no Antigo Regime.

Martin Domecq é Doutorando em Artes Cênicas - PPGAC-UFBA, com a tese "Para um teatro de interzonas: explorando relações entre artes cênicas e meio ambiente". Professor concursado e aprovado em 3o lugar no 2o Concurso para Professor Efetivo de Artes da UFSB. Graduado em Filosofia pela Universidade de Buenos Aires, com especialização em fenomenologia. Pesquisa sobre Paul Ricoeur. Formação em teatro e experiência como encenador e professor. Trabalho em projetos de promoção da leitura e escritura para o Ministério de Educação de Argentina e para o Ministério de Educação da Cidade de Buenos Aires. Autor de literatura infantil. Tem dois livros publicados: *Pensar-escribir-pensar: apuntes para facilitar la escritura académica* (Buenos Aires: Lugar Editorial, 2014) e *El conejo coronado* (Buenos Aires: Del Naranja, 2013). Colaborador da Universidade Livre de Teatro Vila Velha de Salvador. Membro do Grupo de Pesquisa Estudos sobre a Universidade (UFBA/CNPq).

Rogério Ferreira é professor associado I da Universidade Federal do Sul da Bahia, pós-doutorado em Educação pela USP, doutorado em Educação pela USP com a tese "Educação escolar indígena e etnomatemática: a pluralidade de um encontro na tragédia pós-moderna", mestrado em Matemática pela UFG e graduação em Matemática - Campus Catalão - UFG. Na Pós-Graduação, é docente no Programa de Mestrado em Educação em Ciências e Matemática e na Licenciatura Intercultural Indígena da UFG. Tem experiência na área de Matemática, com ênfase em Educação Matemática, atuando principalmente nos seguintes temas: etnomatemática, educação escolar indígena, tecnologia educacional, jogos estratégicos, filosofia do conhecimento e cultura. Tem pesquisado e publicado artigos sobre

educação de jovens e adultos em escolas indígenas e etnomatemática. Já orientou mais de 50 estudantes de IC, especialização e mestrado.

Sérgio Barbosa de Cerqueda é professor Adjunto III do Campus Sosígenes Costa da Universidade Federal do Sul da Bahia, sendo um dos líderes do Grupo de Pesquisa Signo, imaginário, cultura (UFSB/UFBA), certificado pela UFBA. Possui Graduação em Letras, Mestrado e Doutorado em Letras e Linguística pela UFBA. Realizou estágio pós-doutoral (2012/2103) na área de sociologia da cultura na *Chaire Fernand-Dumont sur la culture do Institut national de la recherche scientifique du Québec*, com bolsa CAPES. Tem experiência na área de Letras com ênfase em Literatura Comparada, Cinema Documentário, Estudos Culturais, Semiótica e formação de professores. Desenvolve pesquisas sobre narrativas literárias e cinematográficas nas Américas e a construção das identidades na contemporaneidade. Trabalhou com pesquisadores canadenses sobre a cultura autóctone naquele país, tendo participado da organização de eventos bilaterais nessa área como presidente da Associação Brasileira de Estudos Canadenses (2010-2012) e membro do Comitê Científico da Revista Interfaces Brasil-Canadá.

Além dos docentes/pesquisadores da UFSB, a equipe é formada por pesquisadores do IFBa, do Programa de Pós-Graduação do Museu Nacional da UFRJ, da UNEB, da UFMG, da UFG, da University of Massachusetts Amherst e pesquisadores indígenas do Patxohã. Soma-se a estas importantes contribuições as equipes do ProgDoc (<http://prodoc.museudoindio.gov.br/>) e o ProDoclin (Projeto de Documentação de Línguas Indígenas-Museu do Índio, com a documentação de 13 línguas (<http://prodoc.museudoindio.gov.br/projetos/linguas>) e a elaboração de cinco gramáticas pedagógicas (<http://gramaticas-prodoclin.blogspot.com.br/>).

Anari Braz Bomfim foi professora co-regente do Instituto Federal da Bahia – Campus Porto Seguro. Pesquisadora pataxó, membro do grupo de pesquisas Atxohã e do GETI (Grupo de Estudos sobre Temáticas Indígenas do IFBa – Porto Seguro). Mestre pelo Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Estudos Étnicos e Africanos da Universidade Federal da Bahia. Sua dissertação, intitulada: “Patxohã, ‘língua de guerreiro’: um estudo sobre o processo de retomada da língua Pataxó”, foi a primeira a abordar este intenso trabalho empreendido pelo povo Pataxó em torno da revitalização de sua língua. Desde então, Anari vem desenvolvendo pesquisas e acompanhando os trabalhos com os professores indígenas nas escolas indígenas e divulgando-os em outros espaços acadêmicos, com a publicação de artigos, livros, e a produção de material didático como apoio para o trabalho dos professores. Atuou, entre 2013-14, na Organização dos Estados Ibero-Americanos, como consultora da Coordenação Geral da Educação Escolar indígena - SECADI/MEC, para o desenvolvimento da política da educação escolar indígena para a implementação dos Territórios Etnoeducacionais especificamente da região Nordeste. Organizou em coautoria dois livros: *Pataxo: Uma História de Resistência*. (ANAI/MEC, 2007) e *Revitalização de Língua Indígena e educação escolar indígena inclusiva* (Empresa Gráfica da Bahia, 2014).

Bruna Franchetto é professora do Departamento de Linguística e do Departamento de Antropologia (Museu Nacional) na Universidade Federal do Rio de Janeiro. Ensina introdução ao estudo de línguas indígenas, investigando sua gramática, metodologias de documentação linguística, gênese e impacto da escrita, artes verbais, poética indígena. Dedicou-se a estudos dos processos de tradução de e para línguas indígenas, concentrando-se nas línguas da família karib. Desde a década de 1990 atua na formação de professores e pesquisadores indígenas, do magistério à pós-graduação, nos cursos promovidos pelo Instituto Socioambiental no Xingu, no 3º Grau Indígena da UNEMAT de 2000 a 2007. Os

povos com os quais mais conviveu e trabalhou são os Kuikuro do Alto Xingu, Karib da mesma região (Kalapalo, Matipu e Nahukwa), e, com menor intensidade, os Taurepáng, os Macuxi e os Taurepáng em Roraima. Ajudou a elaborar e publicar diversos materiais de apoio didático em línguas indígenas. Desde 2009 coordena o Programa de documentação de línguas e culturas indígenas-ProDoclin, iniciativa do Museu do Índio (FUNAI). O projeto de produção de Gramáticas Pedagógicas em andamento nesta instituição é um dos desenvolvimentos mais interessantes do ProDoclin. Coordena, também, projeto para desenvolvimento e experimentação de metodologias de revitalização linguística junto aos povos Yawanawa, Guató e Umutina. Membro da comissão técnica para a implementação do Inventário Nacional da Diversidade Linguística-INDL, junto ao IPHAN - Ministério da Cultura. Interessasse particularmente na implementação de ações de salvaguarda das línguas reconhecidas pelo INDL. Orienta alunos de pós-graduação sobre línguas arawak, pano e de outras famílias, bem como mestrandos e doutorandos indígenas em antropologia e linguística.

Cezar Migliorin é pesquisador, professor e ensaísta. Doutor em Comunicação e Cinema (Eco-UFRJ/Sorbonne Nouvelle, Paris). Membro do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFF e Chefe do Departamento de Cinema e Vídeo do Curso de Comunicação da UFF. Coordenador do Laboratório Kumã de pesquisa e experimentação em imagem e de projeto de cinema e educação com a Escola Livre de Cinema de Nova Iguaçu. Co-coordenador do Seminário Temático da Socine: Cinema, estética e política: a resistência e os atos de criação. Organizador de alguns livros, como *Ensaio no Real: o documentário brasileiro hoje*. (Azougue, 2010).

Edson Machado de Brito é graduado em História pela Universidade Federal de Minas Gerais (1997), com pós-graduação *lato sensu* (especialização) em História e Historiografia da Amazônia, pela Universidade Federal do Amapá. É mestre em História Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e doutor em História da Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação: História, Política, Sociedade, na PUC-SP, com pesquisa financiada pelo CNPq e CAPES, sob orientação da professora doutora Circe Maria Fernandes Bittencourt. Atualmente é professor efetivo do Instituto Federal da Bahia (IFBA), ministrando as disciplinas História da Educação, História Indígena e História da Educação Escolar Indígena nos cursos de Licenciatura (Química e Licenciatura Intercultural Indígena) e está na Coordenação institucional do PIBID-Diversidade, na mesma Instituição.

Francisco Eduardo Torres Cancela é doutor em História Social pelo Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal da Bahia e Professor Adjunto do Departamento de Ciências Humanas e Tecnologias da Universidade do Estado da Bahia (Campus XVIII – Eunápolis). Com uma trajetória marcada pelo envolvimento com os movimentos sociais, tem experiência na elaboração, gestão e avaliação de projetos sociais e culturais junto a comunidades indígenas e a agentes culturais do Extremo Sul da Bahia. Nos últimos anos, desenvolveu ações de formação cultural na qualificação de gestores e trabalhadores da cultura de Porto Seguro e Eunápolis para a implantação de políticas públicas de cultura; atuou também na promoção do etnodesenvolvimento nas comunidades Pataxó baseado na defesa da autonomia política dos indígenas, na construção de sistemas econômicos sustentáveis e na valorização do seu patrimônio cultural; além de também ter atuado na identificação, registro e disseminação dos bens e movimentos culturais da chamada Costa do Descobrimento por meio da assessoria aos pontos de culturas de Aldeia Velha, do Viola de Bolso e do Corredor Cultural do Patacá. Pesquisador da História Indígena e da História da América Portuguesa, desenvolve estudos sobre a trajetória histórica dos povos indígenas na antiga Capitania de Porto Seguro e coordena a área curricular de história na Licenciatura Intercultural em Educação Escolar Indígena da UNEB.

Isaac Pipano é professor e fotógrafo. Mestre em Comunicação (Políticas e Análise do Cinema e do Audiovisual) com dissertação a respeito da obra do cineasta chinês Jia Zhang-

ke. Professor substituto da Universidade Federal Fluminense (UFF-Niterói) onde leciona disciplinas teóricas e práticas ligadas à realização, fotografia e documentário. Professor do curso de Comunicação Social na Universidade Veiga de Almeida-RJ. Idealizador do projeto e organizador do livro (com o prof. Cesar Migliorin) *Inventar com a Diferença: cinema e direitos humanos* (Editora UFF, 2014). que oferece oficina de formação para a rede básica de educação em todo o país.

Jose Pedro Machado Ribeiro é professor associado I do Instituto de Matemática e Estatística da Universidade Federal de Goiás. Membro do corpo docente do Programa de Mestrado em Educação em Ciências e Matemática da UFG. Professor do curso de Educação Intercultural da UFG desde 2007. Tutor do PET do curso de Licenciatura em Matemática do IME/UFG desde 2007. Organizou, juntamente com o prof. Rogério Ferreira, o livro *Etnomatemática: papel, valor e significado* (Zouk, 2004). Bacharel em Matemática pela Universidade Federal de Goiás; mestrado em Matemática pela Universidade de Brasília; e doutorado em Educação pela Universidade de São Paulo, Área de concentração Ensino de Ciências e Matemática, Etnomatemática e Educação Escolar Indígena. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Etnomatemática, atuando principalmente nos seguintes temas: Etnomatemática, Educação Matemática, História da Matemática, Educação Escolar Indígena, Formação de Professores, Diversidade Cultural, Matemática - aspectos sociais e dinâmica intra e intercultural. Já orientou mais de cem estudantes de IC, especialização e mestrado.

Luiz Amaral é professor adjunto em dedicação exclusiva de linguística no Departamento de Línguas, Literaturas e Culturas da Universidade de Massachusetts Amherst. Sua pesquisa está voltada para o processo de aquisição da linguagem por falantes bilíngues adultos e crianças. Trabalha com a formação de professores e a criação de materiais didáticos para o ensino de primeira e segunda língua. Vem estudando a aquisição de falantes bilíngues Wapichana-português e Wapichana-inglês que moram no Brasil e na Guiana desde 2011. Em 2013, uniu-se à equipe do ProDoclin (Museu do Índio – FUNAI) para coordenar a confecção de cinco Gramáticas Pedagógicas para línguas indígenas brasileiras. Tem trabalhado com professores de língua Wapichana na preparação de diferentes tipos de materiais didáticos, desde livros de alfabetização até livros de ensino de segunda língua, e vem auxiliando professores no desenvolvimento de um currículo de ensino da língua indígena que possa dar conta das diferentes realidades linguísticas da Região da Serra da Lua em Roraima. Atualmente está começando um projeto em colaboração com a Prof. Márcia Nascimento para a preparação de materiais de alfabetização e ensino de língua Kaingang. Ministrou várias oficinas de formação de professores em comunidades Wapichana, Karajá, e Tapirapé. Em junho e julho de 2015, ele dará duas oficinas de 10 dias para professores de línguas Otomangue em Oaxaca (México) e uma oficina de uma semana para professores Ikpeng no Xingu, nas quais abordará temas como o ensino de línguas indígenas e a confecção de gramáticas pedagógicas.

Wilson de Avellar Nasceu em Conceição do Mato Dentro. É desenhista e *performer*, participou de exposições no Brasil e no exterior. Em 2009 foi contemplado com o prêmio do Programa Rede da Fundação Nacional de Arte/Funarte do Ministério da Cultura/Minc com o projeto “Razão de Dois: deslocamentos, encontros e desencontros” e em 2010 com o projeto “Razão de Dois: Saltos nas Divisas”. Formado em Desenho pela Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG. Na mesma Escola lecionou disciplinas no Curso de Desenho. Entre 2003 e 2013 foi professor do Departamento de Comunicação Social da Faculdade de Ciências Humanas Aplicadas no Centro Universitário Newton Paiva, onde lecionou disciplinas de Semiótica, Comunicação e Cultura e Estética. Na mesma instituição desenvolveu as pesquisas “Disciplinamento dos Corpos Urbanos” (Funadesp 2006/2007) e “Globalização dos Excluídos” (Funadesp 2005/2006). Atualmente é Coordenador da Área de Artes Visuais da Ação de Formação Artística e Cultural Fundação

Municipal de Cultura de Belo Horizonte. Professor da Ação Saberes Indígenas na Escola – RIES- RO/AC (Núcleo Rondônia). Realiza pesquisas estéticas em leitura, escrita e tradução intersemiótica. Expande o olhar, escreve e cria objetos artísticos e culturais a partir das seguintes questões: artes visuais, desenho, intervenções urbanas, performance, corpo, livro de artista e experiências interculturais.

1.6.1 Justificativa

A implantação da UFSB na região sul da Bahia e seu compromisso com a Educação Básica e a interculturalidade

A Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB) é uma nova universidade, em processo de implantação na região Sul da Bahia. Seu Plano Orientador é pautado no respeito e no fomento aos saberes locais, na interdisciplinaridade, na integração social e no compromisso com a educação básica, tendo como referência formulações de pensadores como Milton Santos, Anísio Teixeira e Boaventura de Souza Santos. Visando capilarizar suas ações e acolher jovens da região, está implantando uma rede de Colégios Universitários (CUNI) em municípios do Sul da Bahia, incluindo localidades com dificuldade de acesso a centros urbanos, em aldeias indígenas e comunidades quilombolas. Inicia também um sustentado trabalho voltado para a proteção da Mata Atlântica e das populações locais. Ao mesmo tempo, seu Plano Orientador prioriza o compromisso de atender a uma região do país que apresenta enorme demanda de formação de professores para a Rede de Educação Básica. O documento expressa nos seguintes termos a função articuladora e cultural dos CUNIS:

Cada CUNI constituirá um ambiente voltado à interação, exploração, experimentação e formação continuada de professores das cidades-rede, diferente do tradicional modelo de laboratório de ciências implantado em algumas escolas. Os espaços da Rede Anísio Teixeira fomentarão assim maior popularização da ciência, num entendimento mais amplo do seu papel social, por isso integrado à cultura, enfatizando riscos e benefícios do fazer científico e suas relações com o cotidiano.

Recentemente, a UFSB apresentou o Plano de Cultura “Rede de educação intercultural na região sul da Bahia” no qual explicita a importância das representações sociais em seu projeto:

A UFSB reconhece o papel da comunidade transacadêmica como elemento fomentador da responsabilidade social e ambiental, presente tanto nos princípios institucionais estabelecidos na sua Carta de Fundação quanto na estrutura organizacional, com a criação de um Conselho Estratégico Social (CES). O CES é um dos conselhos superiores da UFSB, assim como o Conselho Universitário, conforme o Art. 14 e 17 de seu Estatuto. Trata-se de órgão consultivo que visa fortalecer a Universidade como elemento constitutivo do território, na discussão de suas políticas gerais e planos globais de expansão do ensino, pesquisa, criação, inovação e cooperação interinstitucional e comunitária. Sua composição valoriza a participação da comunidade interna à UFSB, assim como a participação de diversas representações sociais, tais como: IES parceiras instaladas na região; setores empresariais; representação dos trabalhadores, dos movimentos sociais, dos povos e das comunidades tradicionais; representantes dos professores da Educação Básica e dos estudantes de ensino médio.

A partir da compreensão da necessidade de diálogo com as populações locais, incluindo diferentes saberes, epistemologias e práticas, desde seus primeiros passos, a UFSB realizou, em parceria com o INCT de Inclusão no Ensino Superior e na Pesquisa, uma experiência inovadora e transformadora, no primeiro quadrimestre, de setembro a dezembro de 2014 das Licenciaturas Interdisciplinares. O componente vocacional de docência “Campo da Educação Básica: saberes e práticas” contou com a efetiva participação em sala de aula de 14 mestres dos saberes tradicionais e seus aprendizes em cerca de três encontros com 14 turmas de LI em localidades onde se encontram os sete Colégios Universitários já implantados e nas sedes dos três *campi*: carpinteiros navais, ceramistas, pajés conhecedores de plantas medicinais, pais e mães de santo de terreiros de candomblé, mestres de capoeira, mateiros, narradoras e historiadoras indígenas, pescadores, marisqueiros. Desta forma, a equipe de docentes deste componente curricular (CC) iniciou a realização de uma Cartografia dos Saberes Tradicionais e Populares do Sul da Bahia e deu os primeiros passos no sentido de instituir reais colaborações com comunidades locais, algumas já organizadas (RESEX - Corumbau, Associação Cultural Matamba Tombenci Neto – Ilhéus, Instituto Escola Viva da Floresta – Marambaia, Associação Artimanha – Caravelas, Aldeia Indígena Caramuru Paraguaçu – Pau Brasil) e outras constituídas historicamente como povos ou instâncias tradicionais de artes e ofícios. Apenas com esta experiência inicial foi possível vislumbrar o quanto este trabalho pode ser enriquecedor na produção de material didático, compartilhado nas escolas da região com vistas a um conhecimento sistemático e profundo das soluções ambientais, sociais e estéticas de diferentes povos e comunidades que formam a região. Com tal gesto os docentes da UFSB abraçam efetivamente um de seus pressupostos fundantes, que é o de se inscreverem no território, não para impor uma episteme, mas para aprender e interagir com a epistemodiversidade que caracteriza a região.

A seguir, descreveremos, em breves linhas, os dois eixos estruturantes que se destacam na articulação necessária entre os três projetos a serem executados neste Programa ARTE, HISTÓRIA E LÍNGUA MAXAKALI-PATAXÓ: EDUCAÇÃO PÚBLICA INTERCULTURAL E INTEGRAL NA REGIÃO SUL DA BAHIA.

Revitalização, documentação, rememoração e reinscrição da presença Pataxó e Tikmu'un no território

O encontro com a diversidade cultural e epistêmica desta região levou alguns dos pesquisadores da UFSB a escutar demandas que já vêm sendo formuladas por professores e pesquisadores Pataxó das 39 escolas indígenas da região de Porto Seguro, Santa Cruz Cabrália, Itamaraju e Prado. Há algum tempo o ambiente da escola diferenciada indígena tem incentivado os Pataxó na retomada de sua língua. A violenta opressão da história colonial promoveu sistematicamente o apagamento dos seus mecanismos mais profundos de vínculo social – a língua e as narrativas históricas – praticamente privando-os de falar, cantar e ensinar.

Ao longo dos anos, os Pataxó vêm desenvolvendo práticas sociais para o fortalecimento da sua cultura e identidade. Uma delas foi a iniciativa de professores e pesquisadores Pataxó da Bahia e Minas Gerais desenvolvendo trabalhos voltados para o fortalecimento cultural, registro da memória oral e linguístico Pataxó, como o Projeto “Pesquisa e Documentação da Cultura e Língua Pataxó” que teve início em 1998. Por meio desse projeto, consolidou-se o Grupo de pesquisa Pataxó, constituído por professores e pesquisadores pataxó denominado hoje de Atxohã. Nesse grupo, empreenderam um trabalho de estudo e pesquisas para a retomada da língua pataxó, conhecida hoje como patxohã (Língua do povo guerreiro pataxó), através do registros orais com os anciões e registros escritos do léxicos levantados por viajantes que deixaram notas de suas passagens pela região, com o apoio das lideranças,

escolas e comunidades, o que permitiu o fortalecimento da língua. De acordo com o pesquisador Luiz Amaral,

[...]é importante destacar o fato de que cada língua tem suas estruturas linguísticas próprias, suas tradições estilísticas individuais (sejam elas orais ou escritas) e seus usos sociais distintos. Essas propriedades não são transferíveis de uma língua à outra. Assim como não podemos julgar os textos de William Shakespeare a partir da métrica ou estética de qualquer outra língua que não o inglês, não devemos avaliar a produção linguística (oral ou escrita) de falantes de línguas tupi-guarani, jê, aruák, karibe, tukano, etc. a partir de critérios estabelecidos para uma língua neolatina, como o português. O processo de letramento e/ou aquisição na língua indígena tem que ser estabelecido a partir das estruturas e tradições de cada língua (AMARAL, 2011, p. 30).

Atualmente existem cerca de 50 professores Pataxó ensinando o Patxohã nas 39 comunidades indígenas Pataxó da Bahia e Minas Gerais. Os professores demandam apoio para sua formação para a melhoria de ensino do patxohã nas escolas, bem como a produção de material impresso como cartilhas, dicionário e material audiovisual. Sobre esta integração Universidade - Escola indígena, diz Anari Bonfim: “Este Programa, portanto, tendo a UFSB como parceira, contribuirá para o processo de política linguística entre os pataxó, assim como na promoção e valorização das culturas indígenas do país” (depoimento por e-mail).

Após alguns anos de experiências e reuniões com o conselho de pajés e lideranças, esses pesquisadores entendem a importância de investir no aprendizado da língua maxakali, a única hoje falada entre as demais da família linguística “maxakali” (Macro Jê). Portanto, algumas edições dos livros bilíngues maxakali/português organizados por Tugny (2009) passaram imediatamente a interessar este projeto dos professores e pesquisadores Pataxó.

Interessa-nos a intensificação de laços mútuos de reconhecimento e reescrita dessa história coletiva nas regiões que se estendem entre o litoral e as margens do Mucuri, Prado e Jequitinhonha. Os povos tikmũ'ũn, falantes do maxakali, praticam 12 repertórios mitopoético-ritualísticos, dotados, cada um, de um léxico específico. Dentre estes, encontra-se o mito-ritual *Putuxop*, que todos eles dizem ser proveniente de Itamarajú, Bahia. Há muitas evidências de que este conjunto de 12 repertórios contém um inventário de línguas e povos que viveram nesta região, encontraram-se e fizeram alianças. Os tikmũ'ũn realizam há muitas décadas e durante todo o ano peregrinações que muitas vezes terminam em demandas das prefeituras locais à Funai para repatriá-los às suas pequenas reservas. Dentre todo o material de registro da viagem realizada entre as terras Maxakali-Pataxó e que deram origem ao filme *Cosmopista Maxakali-Pataxó*, produzido em conjunto pelos participantes de ambas etnias indígenas, emergem as falas dos mestres tikmũ'ũn e pataxó, mas não apenas: mestres e mestras oleiras de regiões do Jequitinhonha, como Guaranilândia, Almenara, Araçuaí, Jequitinhonha, gravaram depoimentos sobre as sagas e os movimentos contínuos dos povos sobreviventes destas regiões, apresentando-lhes seus antigos fornos de queima a céu aberto, quando ainda eram grandes oleiros da região. Hoje encontramos aldeias pataxó situadas em Minas Gerais, seja em Araçuaí, nas margens do Jequitinhonha, seja em Carmésia, Itapeçerica, demonstrando estratégias de sobrevivência étnico-cultural, tornadas visíveis após trabalho cartográfico de alguns de nossos colegas pesquisadores que atuam em contínua atividade entre estes povos.

Ainda que os povos Tikmũ'ũn tenham perdido o seu território, as reservas de floresta e os rios que os proveriam para a caça, pesca, coleta, apresentando hoje o mais alto nível de desnutrição infantil do país, são tidos pelos Povos Pataxó como guardiões de sua

espiritualidade, cultura e língua. De acordo com a experiência precedente, realizada no âmbito do PROEXT 2013 acima citado, percebemos quanto o intercâmbio, tendo a música como vetor central em todas as instâncias de encontro entre estes grupos, é intenso e buscado por ambas as partes. Pretende-se inaugurar aqui uma forma de encontro de comunidades de partilha de conhecimento que não passa necessariamente pelo vetor único do conhecimento científico da ciência contemporânea. A UFSB, por meio de seus docentes-pesquisadores e estudantes, pode aqui, atuar como parceira neste projeto de reescrita de uma história silenciada e de recomposição dos vínculos ancestrais entre estes povos, que a violência colonial tratou de afastar e dizimar. Nada poderia ser mais enriquecedor para nossa comunidade estudantil que trabalhar em prol deste patrimônio fundador da cultura e das artes brasileiras.

Línguas, narrativas, poéticas e cantos indígenas. Diálogos da Universidade com a Educação Básica

Parte significativa desta equipe trabalha com narrativas e poéticas ameríndias, coletando e visibilizando seus resultados por meio de trabalhos de coautoria com autores indígenas em diferentes instâncias (ARAÚJO & BARRA, 2009, 2012; ARAÚJO, 2013; BARRA, 2014). Alguns, com formação em Letras, incluem investigações sobre pensamentos e práticas não cartesianos, igualmente legítimos, porque sistematizados, visando desconstruir a ideia de que somos um povo sem pensamento próprio, portanto, devidamente colonizado. A escrita sobre e com estes povos reafirmará o que Boaventura Sousa Santos denuncia: “conhecimentos populares, leigos, plebeus, camponeses ou indígenas do outro lado da linha, que desaparecem como conhecimentos relevantes ou comensuráveis por se encontrarem para além do universo do verdadeiro e do falso” (SOUSA SANTOS, 2007, p.73). Entendemos aqui a escrita em um sentido bastante amplo, estendido também à escrita do filme documentário. A partir do estudo de publicações de autoria indígena e da experiência de escrita compartilhada, começamos apenas a desvendar o significado do esquecimento deste repertório literário, tão repleto de imaginário, sistemas de classificação, formulas poéticas e musicais. Na realidade, observamos sobretudo que um longo processo de tradução dos cantos e da mito poética ameríndia resta a ser feito, como forma de repensar a própria noção de “Cultura Brasileira”.

Seria necessário refletir sobre quão pouco é conhecido pela sociedade nacional tudo aquilo que os mais de 270 povos sobreviventes, falantes de 160 línguas, possuem como seu bem milenar e mais precioso e sobre quão pouco estas poéticas foram publicadas, pesquisadas, divulgadas, analisadas, contempladas, discutidas. O repertório de cantos Tikmu’un acima citados (Tugny 2009a, 2009b) constituem apenas uma ínfima proporção daquilo que detêm em suas práticas cotidianas os Tikmũ’ün, tornando-se ainda mais ínfimos diante da monumentalidade das narrativas mitopoéticas-musicais das civilizações indígenas ainda vivas no país. São conjuntos mitopoéticos e musicais dotados de refinadas estruturas poéticas e literárias com usos rebuscados de assonâncias e metáforas, sobre uma estrutura sonora variacional espetacular. Acrescenta-se o uso ousado de uma rica pictografia, portadora de soluções imagéticas extremamente variadas, fundadas sobre uma ontologia da imagem radicalmente diferente daquelas que vimos operar nas estéticas da imagem (cinema, pintura) da tradição ocidental (TUGNY, 2013). Quais seriam então os motivos deste total desconhecimento? O quanto este desconhecimento é responsável pela construção de um imaginário equivocado sobre estes povos? Como pode a cultura brasileira ser pensada repetitivamente sobre a base de noções de “influências”, “fusão”, “miscigenação”, “hibridismo” se estas estéticas sonoras não são suficientemente conhecidas pelos artistas e intelectuais e seus agentes não entram ativamente no debate? Qual o motivo de instituições públicas de ensino silenciarem tanto no aprendizado, na aproximação e na reflexão sobre estas formas artísticas, que são ao mesmo tempo um rico *corpus* mitológico e filosófico?

Estes repertórios deveriam ser levados aos alunos desde os primeiros anos de escolarização, para que a sociedade tenha melhor consciência daquilo que representa de fato a diversidade linguística e cultural do Brasil. Em 2013, a ex-presidente da Funai, Marta Azevedo, declara que o desconhecimento da sociedade nacional sobre os povos indígenas se constitui numa real instituição no país³.

Outro diferencial que existe atualmente com relação a crises anteriores – desde sempre, mas permanece como uma atualidade – é a enorme ignorância sobre os povos indígenas. Eu costumo dizer que no Brasil a instituição mais democratizada, mais bem distribuída, é a ignorância sobre os povos indígenas que fazem parte de nossa população. Parte-se do pressuposto de que são povos "simples", ignorantes, atrasados, restos de um suposto passado da humanidade. Uma lástima, desconhecer a extrema sofisticação dos sistemas agrícolas e de pesca, só para citar um exemplo, desses povos, que conseguem alimentar toda sua população e ainda manter as florestas e cerrado existindo. Ou seja, a sofisticação de pensamento e de sistemas econômicos desses povos é enorme, muito maior e mais complexa do que os nossos, e isso vai sendo desrespeitado e desconhecido e desvalorizado por nós não-indígenas. O Brasil possui tipos variados de mandioca, de milho, de outras raízes, de plantas medicinais, etc., e tudo isso vai se acabando porque ignoramos os conhecimentos desses povos e suas maneiras de viver.

Neste sentido, entendemos que a Universidade, bem como as escolas da rede de Ensino Básico, devam tratar com seriedade e afinco o tema das culturas indígenas, assim como as afrodescendentes. Esta parece ser a única forma de vencer as barreiras do desconhecimento que alimenta o preconceito e as ações ainda genocidas, perpetradas contra estes povos sobreviventes do país. Atentamo-nos para a necessidade de fazermos de fato valer a Lei 11.645/2008 que institui a obrigatoriedade, como direito, do ensino de culturas indígenas e afrodescendentes nas escolas de todo o país. Como garantir este ensino se nossas escolas de arte, história, geografia e letras não formam nossos futuros professores com competência para tal tarefa? Além da inserção de disciplinas obrigatórias sobre estas temáticas nos cursos de licenciatura e bacharelado de vários campos do saber, seria importante trazer para a Universidade, as narrativas destes povos, por meio de uma filmografia de realizadores indígenas já consagrados, de sua literatura e da cartografia de seus locais de trabalho e vida, com a presença de seus mestres. O convívio dos estudantes com os mestres das culturas tradicionais traz o aprendizado de uma outra forma de transmissão do conhecimento, a experiência da organicidade e pluridisciplinaridade das suas artes e seus ofícios. Sobretudo, o convívio dos alunos com estes mestres em uma situação de reconhecimento e legitimação de seus papéis contribui diretamente para o combate ao preconceito do qual são historicamente vitimados.

A base deste projeto de conhecimento é o desejo de fazer valer toda uma tradição de pensamento e de práticas milenares, bem como o combate ao apagamento simbólico e ao preconceito desferido contra os povos indígenas em geral e aos Tikmũ'ũn e Pataxó em particular, buscando desta forma tornar ainda mais visível o contraste deste contexto de exclusão com o discurso dos mestres indígenas sobre sua força e sobrevivência eminentemente poéticomusicais. Pretendemos potencializar nossas experiências de pesquisa colaborando com outros atores – tikmu'un, pataxó, jovens, anciãos – que promovem a sobrevivência destes *corpora* milenares investidos na sua dimensão, hoje, fortemente política dentro do contexto de etnocídio em que se encontram. É nossa aposta

³ Disponível em: <http://www.cartacapital.com.br/blogs/blog-do-milanez/na-minha-gestao-foram-sete-liderancas-guarani-assassinadas-870.html>. Acesso em: 14 abril 2015.

também inserir de modo sistemático e qualificado pensamentos e práticas de povos tradicionais, reconhecidos por seus saberes e fazeres, demonstrando que o pensamento sempre se vincula a estilos de vida e, portanto, não estão apartados de suas condições de produção. Não se trata de apagar ou desprezar a filosofia ocidental canônica ou os grandiosos feitos da ciência contemporânea, mas permitir que outras formas igualmente potentes de força vital em conhecimentos e estilos de vida possam ser apresentadas e vividas, sem preconceitos e silenciamentos. De acordo com Rodolfo Kusch, “Não se pode iniciar o resgate de um pensamento inca, por exemplo, com uma atitude filosófica ainda enredada no sistema de Comte de cem anos atrás” (KUSCH, 2009, p. 264).

1.6.2 Fundamentação Teórica

A etnologia produzida sobre povos ameríndios é unânime ao vislumbrar o papel da música como o pivô, por excelência interdisciplinar, em que se processa o conhecimento entre estes povos: é pela música que eles acionam os sistemas de reconhecimento e classificação natural, é a música que ordena estruturas sociais, engaja compreensões e diplomacias sociocosmológicas, é a música que age na cura de doenças. O repertório musical serve desta forma como um repositório de todos os saberes elaborados e processados pelas sociedades indígenas, solicitando, para o estudo de sua dimensão, saberes secretados em diferentes áreas do conhecimento. Alguns importantes trabalhos (SEEGER, 1987; VIVEIROS de CASTRO, 2002; FRANCHETTO, 2003; TOMLINSON, 2007; GRAHAM 1986) teorizaram sobre a centralidade da música na dinâmica sociocosmológica dessas sociedades, bem como enfatizaram o vigor com o qual estes povos se dedicam a seus cotidianos trabalhos acústico-musicais. Diante da necessidade de colaborar com a demanda crescente dos especialistas indígenas em estender seu trabalho da memória a outros meios, parece-nos importante desfazer um pressuposto equivocado que comparece de forma contínua em projetos desta natureza.

Se as sociedades ameríndias trabalham ferrenhamente no sentido de guardar intactas a memória e a vitalidade de suas práticas musicais, a despeito dos vários sistemas de apagamento que atravessaram nas três Américas ao longo de cinco séculos, da perda de territórios e de recursos que os permitam viver e sobreviver, elas os fazem não por um zelo patrimonial específico. Os cantos ameríndios não sobrevivem *apesar* dos genocídios aos quais se expuseram por tantos séculos. Os cantos são o que os permite sobreviver. Os pajés Tikmu'un e Guarani Kaiowa são veementes a este respeito: “sem nossas danças e nosso *mbaraka* o firmamento desabaria sobre nós e o mundo das sombras se instalaria para todos”, são palavras que escutamos de Seu Atanásio, respeitado rezador Kaiowá, no filme “Mbaraka, a palavra que age” (IPHAN, 2011); ou: “se pararmos de cantar perderemos os meios de curar as doenças que abatem nossas vidas”, reafirmam os pajés Tikmũ'ün.

Mencionamos aqui, propositalmente, testemunhos de representantes das etnias presentes no Brasil que apresentam os maiores índices de desnutrição, suicídio (no caso dos kaiowa), sendo alvo várias vezes de denúncias sobre o que vem sendo caracterizado como genocídio no Mato Grosso do Sul e no Nordeste de Minas Gerais. Estes povos vêm sendo reconhecidos pelos demais povos indígenas pela sua capacidade de resistência e sua força social. Ora, a música é parte central do cotidiano destas duas sociedades, funcionando como sua enciclopédia viva, onde os conhecimentos sobre os ciclos agrários e estelares, a diferenciação das espécies vegetais e animais, os jogos de duração e contagem. Por meio da prática musical estas sociedades se agregam e existem enquanto tais. Portanto, o repertório poético-musical pode ser eficaz e central nos processos de revitalização da língua e reescrita da história de sociedades indígenas.

Coloca-se aqui, neste Programa, o papel da universidade como agenciador de um contato interétnico destruído historicamente. Este contato é fonte de informações históricas, de comparações, de visitação de um passado fragmentado em diferentes fontes narrativas. A proximidade entre estes dois povos esteve sempre descrita em diversas fontes históricas. Extraímos aqui uma das passagens, tratadas por Cancela e que retoma contribuições de destacados pesquisadores na temática:

A preocupação em montar uma barreira contra os perigos do sertão do Monte Pascoal tinha base sólida. Desde a falência da Capitania de Porto Seguro no século XVII e a posterior proibição de acesso às regiões das minas pelos rios do litoral sul da Bahia no século XVIII, a região interiorana de Ilhéus, Porto Seguro e norte do Espírito Santo se transformou em uma área de refúgio dos grupos indígenas Macro-Jê, que conseguiram sobreviver relativamente afastados da sociedade colonial (PARAÍSO, 1992). Por isso, as florestas que rodeavam as margens do rio Jucuruçu eram infestadas de índios Pataxó e Maxakali (WIED, 1989, p. 214). Nestas condições, uma povoação à beira-mar, formada por moradores brancos e índios mansos de várias etnias (incluindo a Pataxó), serviria decisivamente para barrar as ameaças vindas do interior (CANCELA, 2008).

Por outro lado, falamos aqui de uma regionalidade Maxakali-Pataxó, ou Tikmu'un-Pataxó, o espaço em que se daria esta pesquisa, portanto não se trata de situarmos nossos olhares apenas aos atores assumidamente pertencentes a estes grupos étnicos. Se falamos de sobrevivência e conhecimentos tradicionais, falamos de um modo experimentado, vivido, e real de engendramento da memória, da territorialidade e da cosmologia. Estamos no terreno de conhecimentos que são eles próprios verdadeiras experimentações transversais sociopolíticas. A própria história dos povos Pataxó e Maxakali está construída de forma a nos colocar em terreno oposto àquele fundado em noções culturalistas, que suporiam certo monadismo sociocultural, tendendo a modos de auto-reprodução, como nos informa Cancela:

As vilas de índios se transformaram em espaços privilegiados de contato interétnicos. Diferentemente dos antigos aldeamentos jesuíticos, nestas novas povoações a presença do elemento não indígena era obrigatória, fazendo que colonos brancos, escravos africanos e outros tantos grupos sociais (pardos, mulatos e caboclos) convivessem cotidianamente com os índios por meio das regras de convivência pautadas na Lei do Diretório dos Índios (CANCELA, 2008).

Desta forma, o encontro de povos indígenas com povos quilombolas e vários outros lastros de formas de vida em sociedade estão presentes nas narrativas e nas forças expressivas de cantos como é o caso dos torés pataxó que escutamos. A sobrevivência indígena reside justamente neste modo aberto e potente de experimentação de relações e espaços, matérias e forças, e se, no caso de muitos, nos deparamos com imensos repertórios constituídos ao longo de uma milenar perscrutação estética, mais do que pensá-los como uma materialidade reificada, devemos buscar formas de entender como, quando soam, eles agem em suas formas sociais de permanecerem vivos.

Como bem coloca Anari Bomfim, pesquisadora indígena, integrante desta equipe, o direito de falar sua língua foi parcialmente conquistado com a Constituição de 1988:

O direito de continuar falando a língua indígena foi uma conquista dos povos indígenas do Brasil garantido na constituição de 1988. Até então, as políticas linguísticas institucionais do Brasil foram no sentido de negar a existência das línguas indígenas como parte da diversidade dessa chamada “nação brasileira”, impondo uma única língua oficial do país, a língua portuguesa, oficializada desde 1758 pela decreto de Marquês de Pombal. Essa política linguística contribuiu de

alguma maneira para o enfraquecimento do uso das línguas entre muitos povos, o desprestígio da mesma e da negação da própria identidade e da cultura indígena (BOMFIM, 2011).

No entanto, ainda com os grandes avanços dos estudos linguísticos e as tentativas de crítica e desconstrução dos vários cimentos colocados durante o processo colonizador, o acesso aos instrumentos de revitalização e usufruto pleno de suas línguas, por aqueles povos cujo massacre foi mais decisivo permanece restrito:

Ainda hoje, são poucas as universidades públicas que têm programa voltados aos estudos de línguas indígenas e que trabalham em seus currículos a questão da diversidade linguística indígena no Brasil. Saliento que a relevância desses estudos não está somente no âmbito acadêmico, dentro das universidades, mas também, em contribuir diretamente com os povos envolvidos para o fortalecimento e a valorização dessas línguas nas próprias comunidades. Seja no apoio aos projetos desenvolvidos entre os próprios povos indígenas, contribuindo no fortalecimento das políticas linguísticas internas e, acima de tudo, respeitando o significado dessa língua para aquele povo indígena pesquisado (BOMFIM, 2011).

Bruna Franchetto, linguista e pesquisadora, que também integra esta equipe, faz uma avaliação do processo de revitalização de línguas indígenas no contexto da implantação das escolas Indígenas em todo o Brasil, reconhecendo a importância deste movimento em todo o processo de afirmação social destes povos, bem como na sua luta pelos seus direitos originários. A pesquisadora retoma a necessidade do justo comprometimento das universidades e centros de pesquisa com esta iniciativa, recorrente em vários povos indígenas do Brasil:

Em resumo, no curso da primeira universidade indígena nós temos representantes de 6 povos cujas línguas já não existem mais, 8 línguas na beira da extinção e 9 línguas em sério perigo, mostrando uma típica ruptura de geração: os pais falam a língua nativa com os avós, mas o português com filhos e netos, sendo que o português está se tornando cada vez mais dominante nos espaços da vida doméstica. 13 línguas devem ser consideradas em situação de risco. Por outro lado, sabemos que povos cuja língua original não mais existe estão tentando, dramaticamente e de maneira própria, reaver uma sua língua identitária, virtual, simbólica ou real. Procuram documentos, listas de palavras, gramáticas produzidas no período colonial; dispõem-se a estudar o que pode ser recuperado, para, com isso, saber mais de sua história. Há casos de iniciativas nos quais se procura num povo vizinho, que ainda fala a língua nativa, a fonte para a aprendizagem de uma nova língua. São experiências isoladas, surgidas espontaneamente ou induzidas de fora, que, de qualquer maneira, refletem a idéia de que falar uma língua indígena é uma característica vital para recuperar ou manter viva uma “identidade indígena”, condição para garantir direitos territoriais, sociais e políticos. Em um nível geral, no Brasil não há nenhum programa consistente e monitorado para a revitalização linguística, onde ela é ainda possível, nem qualquer tipo de acompanhamento e análise das experiências espontâneas que podem estar ocorrendo (FRANCHETTO, 2004).

Entretanto, a pesquisadora aponta que o ambiente escolar indígena não é o único responsável pela defesa das línguas indígenas em situação de vulnerabilidade. A autora aponta a necessidade de estender o plurilinguismo da sociedade nacional para os outros domínios da vida social e meios de informação:

Retomando o documento da Unesco “Vitalidade e Comprometimento Linguísticos”, nós podemos dizer que nessas línguas está ocorrendo uma mudança do estágio denominado “seguro” para o estágio denominado “inseguro-instável”. É uma mudança do “uso universal” para uma situação de multilinguismo. Considere-se, por exemplo, a situação em que a língua indígena é usada em novos contextos, como na escola, junto com a língua nacional (dominante), mas ela está completamente ausente nos novos e importantes meios de informação, como a televisão, o rádio, a internet. Nós estamos em um momento em que, mesmo se os membros de uma comunidade indígena apoiam a manutenção da língua, os jovens, cada vez mais, percebem a língua dominante como mais poderosa em termos de seus desejos para o futuro. Eles querem tornar-se advogados, doutores e engenheiros, em vez de chefes, pajés, contadores ou cantores. Quando estamos diante de uma situação desse tipo, é este o momento ideal para começar a documentação linguística e cultural, um trabalho que inclui, também, formas de intervenção em apoio à preservação linguística e cultural. São essas situações que podem responder positivamente a projetos de pesquisa participativa (FRANCHETTO, 2004).

A autora explicita uma questão incisiva, direcionada ao contexto acadêmico universitário, sobretudo interpelando os próprios linguistas e antropólogos, sobre sua responsabilidade diante da sociedade nacional, no que diz respeito ao trabalho de apagamento e silenciamento das línguas indígenas e toda a riqueza civilizatória que elas encerram:

[...] lembro a falsa liberdade de escolha linguística na academia. Esta entronizou o legado colonial: uma língua franca, indiscutível, o inglês, umas poucas línguas, majoritárias na cena mundial, chamadas de línguas 'internacionais', admitidas formalmente no palco global mas ainda muito em segundo plano. Parece-me que há um tácito mas firme acordo do qual não há como escapar nessa endo-hierarquia. Voltando ao começo, as línguas radicalmente minoritárias, faladas pelos objetos preferidos da pesquisa antropológica, são definitivamente excluídas, agonizam. Quais são as razões que fazem com que nenhum antropólogo brasileiro se engaja, por exemplo, na tarefa de discutir a inexistência de uma política linguística no Brasil, um país ainda multilíngue, com uma das maiores diversidades linguísticas do mundo? E os linguistas? Há poucos deles engajados nessa discussão, que é uma luta política que vale a pena manter, mesmo sabendo de seu desfecho sombrio. [...] A resistência dos falares minoritários coincide com outras resistências, sobretudo pela boca dos que pretendem dar voz. O que aconteceria se as línguas indígenas invadissem as escolas não-indígenas, das cidades, as universidades, as mídia, congressos, seminários, a literatura, o cinema, com boas traduções (nas duas direções)? Cantos xamânicos ou de amor se tornariam poemas... a Odisséia em Kuikuro ou Guarani... narrativas sobre o encontro com os Brancos contariam outras histórias... as oitavas de Belo Monte não seriam pantomimas de fachada para 'escutar os índios' sem entender o que dizem... (FRANCHETTO, 2013, s/p).

Desta forma, entendemos, dentro deste breve panorama teórico, a premente necessidade de colocarmos nossos trabalhos de pesquisa e ensino em acordo e colaboração com um projeto de sociedades, cuja importância para a formação do tecido social e simbólico desta região sul da Bahia e de todo o país é incomensurável. Este Programa parte inicialmente de uma extensa pesquisa realizada sobre o rico o Patrimônio Imaterial dos povos Tikmu'un (hoje habitantes do nordeste de Minas Gerais), bem como de experiências de difusão do conhecimento sobre sua cultura em escolas da região e junto aos povos indígenas Pataxó, aliando, pesquisa, ensino e ações comunitárias, propondo ao mesmo tempo a implantação

do ensino da língua Maxakali como opção linguística para os estudantes desejosos de aprender uma língua clássica e representativa das populações originárias da região.

1.6.3 OBJETIVO GERAL:

Promover a construção de instâncias de reelaboração linguística e histórica conjunta entre os povos Pataxó e Tikmu'un_Maxakali, levando às escolas de Porto Seguro e aos estudantes da UFSB, materiais didáticos que permitam o conhecimento, a sensibilização e o reconhecimento da riqueza histórica e cultural dos povos indígenas. O Programa se desdobra em três projetos, apresentando entre eles ações que se interconectam: 1. “Poesia e história nas cosmopistas maxakali-pataxó”; 2. “Os cantos tikmu'un no processo de revitalização da língua pataxó”; e 3. “Interculturalidade e currículo: cinema, etnomatemática e língua indígena na UFSB e na rede de Educação Básica”. Cada um dos projetos, se desdobra, por sua vez, nos objetivos específicos descritos abaixo:

OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

Projeto 1 POESIA E HISTÓRIA NAS COSMOPISTAS MAXAKALI-PATAXÓ

Proporcionar, no âmbito de componentes curriculares das Licenciaturas e dos Bacharelados da UFSB, um trabalho sistematizado e documental em torno da memória e construção de narrativas, sob a forma de livros e filmes documentários que possam servir como material didático para escolas indígenas e não-indígenas da região de modo que a comunidade possa conhecer e reconhecer histórias significativas que marcam profundamente a sociedade do Sul da Bahia. A importância aqui é de promover a construção de um discurso elaborado pela própria comunidade sobre sua história. Os jovens visitam e descobrem suas histórias filmando e escrevendo as narrativas dos velhos, de modo a construir um caderno de processo. Este objetivo desdobra-se nas seguintes atividades: duas oficinas de Cinema e Audiovisual; duas viagens de intercâmbio entre jovens e pajés Tikmu'un_Maxakali e Pataxó; oficinas de trabalho em torno dos registros orais e escritos da história Pataxó que se prolongarão por vinte meses durante a execução do projeto. Este projeto pretende ancorar-se fortemente em componentes curriculares de primeiro ciclo como “Língua, Território e Sociedade”; “Universidade e Sociedade”; “Experiências do Sensível” (obrigatórios para BI e LI), como também em componentes curriculares comuns ao primeiro e terceiro ciclos, como “Ateliês de Práticas Artísticas” e “Ação Artística em Comunidade”.

Projeto 2 OS CANTOS TIKMU'UN NO PROCESSO DE REVITALIZAÇÃO DA LÍNGUA PATAXÓ

Intensificar a pesquisa etnolinguística, em conjunto com professores e narradores tikmu'un_maxakali, atendendo a uma demanda elaborada pelo grupo de pesquisadores pataxó – Patxohã. Buscamos assim qualificar o trabalho de retomada da língua dos povos Pataxó, paralelamente ao reconhecimento e fortalecimento mútuo entre estes dois povos cuja história ainda recente passa por caminhos, alianças, línguas e experiências comuns. As atividades programadas são: oficina “Pensando a língua”; oficina de “Estudos sobre a família linguística maxakali”; oficina Cantos e Histórias Tikmu'un_Maxakali; oficina “Metodologias de revitalização e retomada da língua”; oficina “Experiências de alfabetização e de ensino de línguas nas Escolas Indígenas”; e oficina de “Escuta sensível”. Neste projeto, os componentes curriculares “Experiências do Sensível” e “Práticas Compartilhadas” (estágios supervisionados), assim como os componentes curriculares (descrever quais) de 3o ciclo constituirão o enraizamento curricular, embora não exclusivo, dessas oficinas, pois se

estenderão a outras atividades como as Atividades Complementares e a interface com os bolsistas de IC da UFSB.

Projeto 3 INTERCULTURALIDADE E CURRÍCULO: CINEMA, ETNOMATEMÁTICA E LÍNGUA INDÍGENA NA UFSB E NA REDE DE EDUCAÇÃO BÁSICA.

Promover debates e sensibilização, por meio de um acervo de filmes sobre os povos indígenas e a diversidade cultural, bem como aproximar a UFSB dos professores, alunos e famílias das escolas da rede de educação básica de Porto Seguro e municípios, apresentando seu Plano Orientador e realizando debates sobre a função da Universidade nos projetos da sociedade. Realizar-se-á uma oficina em “Etnomatemática e Arte Indígena” para estudantes da rede de Educação Básica com participação de estudantes indígenas tanto da Educação Básica quanto da própria UFSB. Sobre a importância da etnomatemática, diz o prof. Rogério:

Em suas falas, professores e gestores indígenas mostram que, a partir das necessidades de cada comunidade e da dualidade de saberes advinda da interculturalidade, o ensino e a aprendizagem da Matemática poderão contribuir, tanto para a valorização de sua realidade sociocultural, quanto para a inserção político-acadêmica dos cidadãos indígenas em múltiplas vertentes da sociedade nacional. Seus modos de compreender congridam com os fundamentos que vêm alicerçando o campo de conhecimento da etnomatemática (FERREIRA, 2014, p.22).

Neste projeto, os componentes curriculares que apoiarão as atividades e oficinas são, preferencialmente: “Matemática no Cotidiano”, “Matemática e Espaço”, “experiências do Sensível”, Desenvolvimento Regional e Nacional”, “Leitura, Escrita e Sociedade”, “Interculturalidade no Ensino/Aprendizagem de Línguas” e “Cinema e Processos de Subjetivação nas Américas”.

1.6.4 Metodologia e avaliação

Como já experimentados em âmbitos anteriores de pesquisa, trata-se de um projeto colaborativo, onde os autores e mesmo os objetivos são construídos conjuntamente com jovens e anciãos indígenas que temos como principais interlocutores, e coautores das publicações e filmes, bem como do processo de narrativa sobre o conhecimento produzido. Tal metodologia de elaboração da história pelos seus sujeitos se faz crucial em todo o processo de revitalização da autoestima linguística e cultural de povos fragilizados historicamente.

A atividade culminante dos projetos 1 e 2 será uma oficina de confecção do livro. Algumas das pesquisadoras da equipe desenvolveram esta metodologia nos *Laboratórios Interculturais*, no âmbito do Grupo de Pesquisa Interdisciplinar *Literaterras* – UFMG, e consiste na formulação de um espaço para se construir pensamentos, sistematizações e produtos coletivos. O espaço é assim constituído pelos conhecimentos e pelas formas de transmissão de conhecimentos das etnias indígenas (cantos, histórias orais, rituais, linguagens primevas, pinturas do corpo), em consonância com os conhecimentos acadêmicos (produção reflexiva) e técnicos que são transmitidos e transcritos para que haja, de fato, uma troca inter-étnica. Busca-se não apenas os produtos confeccionados, mas os desdobramentos éticos e estéticos que este tipo de trabalho, aberto à alteridade, nos aponta. O processo de troca de conhecimentos e de concepção de linguagens, desde as linguagens ancestrais até as novas tecnologias, permite avançar em metodologias encontradas a partir de experiências do sensível e do encontro entre as culturas. O projeto

pedagógico quase se inverte, se assim podemos dizer. Contudo, longe de ser um problema, é a inversão o que torna possível o diálogo intercultural. O exercício da escuta e o aprendizado sobre múltiplas formas de apreensão do mundo que nos cerca permite reformulação de práticas e saberes que se reinserem em ações afirmativas, criativas e transformadoras. No presente Programa, a experiência dos estudantes da UFSB envolvidos será a de aprender/ensinar processos de confecção do livro, mas também a de conhecer línguas, tradições, hábitos e pensamentos que pertencem a diferentes modos de vida. O trabalho colaborativo, aliado aos processos práticos de composição do livro, permite que o encontro (Maxakali, Pataxó e não-índios) seja democrático e diverso. Inserindo reflexões e novos caminhos tanto para o processo didático (possibilidade de criarmos coletivamente e difusão do material produzido para ações pedagógicas) quanto para dar a conhecer, em pequenas partes, a natureza complexa da diversidade cultural brasileira.

A publicação e os filmes produzidos serão distribuídos nas escolas de educação indígena e nas escolas de educação básica da região. Podem ser usados como material didático diferenciado, inclusive na universidade, possibilitando processos pedagógicos em consonância com experiências interculturais. A seguir, comentaremos a metodologia de cada um dos três projetos que compõem este Programa, de forma a detalhar suas atividades.

Projeto 1 POESIA E HISTÓRIA NAS COSMOPISTAS MAXAKALI-PATAXÓ

Há algum tempo que o uso da câmera filmadora tem servido como importante instrumento de pesquisa, onde os diversos agentes entram com suas vozes, e constroem suas auto *mise-en-scène*, tornando-se assim sujeitos enunciativos de suas histórias e de seus projetos⁴. Pensamos, assim, em interpelar jovens cineastas Tikmu'un e Pataxó, na realização de documentários sobre a história de vida dos diversos mestres – pajés, curadores, rezadores, conhecedores de plantas, mestres oleiras, caciques, mestres de agricultura familiar. Tais documentários visam trazer à tona a história oral destes personagens extremamente importantes no equilíbrio social de suas comunidades e na ocupação territorial. Com estes documentos e a partir de um cuidadoso processo de transcrição e tradução conjunta entre jovens maxakali e pataxó, podemos ajudar a perenizar tais registros incluindo conceitos, afetos, estilos, artes, práticas ancestrais, para um mapa que, além de geográfico, seja o desenho que esses povos traçaram em seus territórios, dando vida ao “mapa impessoal, elaborado pelo anonimato da ciência, e aceito estatisticamente pela maioria, mas que não é meu país, este que cada um vive cotidianamente” (KUSCH, 2009, p. 266).

a. *Oficinas de cinema e audiovisual*: documentação e memória serão ministradas pelos realizadores indígenas Takumã Kuikuro e Ariel Ortega durante 30 dias corridos para professores e jovens lideranças Pataxó. Em reunião realizada com o grupo de professores

⁴ Uma significativa lista de produções videográficas, realizadas com apoio do PRODOCLIN (Museu do Índio-Funai) e o INCT de Inclusão no Ensino Superior e na Pesquisa, atestam deste interesse do cinema como um terreno de escritura coletiva. Além dos quatro títulos citados na nota 3, foram editados pelo Museu do Índio uma série de vídeos produzidos durante as pesquisas, e reproduzidos kits que foram redistribuídos nas aldeias maxakali: MAXAKALI, Derli., Maxakali, Marilton., MAXAKALI, João. Duro., TUGNY, R. P., COSTA, Ana Estrela. Costa: *Cinema Tikmu'un*, 2013, INCTInclusão-CNPq-UNB/ Literaterras Fale/ Filmes de Quintal. / TUGNY, R. P., TIKMU UN, Marilton. M.; Ana Estrela Costa. *Crianças tikmu'un*, 2013. Rio de Janeiro. UFMG/ INCTInclusão/PRODOCLIN-Museu do Índio Funai. / MAXAKALI, J., TUGNY, R. P., COSTA, Ana. Carolina. Estrela., MAXAKALI, Ismail. *Espíritos batizando menino*, 2013. UFMG/INCTInclusão/PRODOCLIN-Museu do Índio Funai. Cidade do evento: Rio de Janeiro / TIKMUUN, A. M. E. C. C., TUGNY, R. P: *História do Koatkuphi*, 2013. Rio de Janeiro,. Museu do Índio-Funai, Prodoclin, INCTInclusão./ TUGNY, R; MAXAKALI, Z. K., BERTACHINI, Irene. *História do Mogmoka por Ze de Ká*, 2013. UFMG/PRODOCLIN-Museu do Índio Funai. / TUGNY, R. P., MAXAKALI Izael. *TUTHI TUK TEX*, 2013. PRODOCLIN-Museu do Índio Funai. Rio de Janeiro.

pataxó, os mesmos colocaram a necessidade de estabelecer critérios para a seleção dos participantes, tendo em vista o interesse e a necessidade que apresentam em trabalhar com o cinema. A escolha dos professores também foi discutida em reunião. Ambos cineastas possuem já filmes premiados em festivais nacionais e internacionais de cinema documentário. Ariel vem viajando entre as várias aldeias guarani, dispersas no litoral Sul do Brasil e no norte da Argentina, colhendo relatos dos anciãos e produzindo um belíssimo trabalho de reflexão sobre a memória dos ancestrais, sobre as Missões jesuíticas e sua relação com os povos Guarani, retrazendo percursos míticos e territoriais deste povo com aguda percepção antropológica sobre estes movimentos. Takumã, por sua vez, vem filmando os gestos políticos, musicais, coreográficos vinculados a um belíssimo corpus poético do povo Kuikuro, organizando mostras de cinema em cidades vizinhas do Parque Nacional do Xingu, e tem trabalhado como cinegrafista no Museu do Índio-Funai. Este projeto terá início com a aquisição de sete ilhas de edição a serem instaladas nas escolas e centros de cultura indígenas, segundo critérios que já começam a ser discutidos pelo coletivo de professores: segurança, condições de infra-estrutura, eletricidade, umidade, etc. Duas ilhas serão instaladas no Campus Sosígenes Costa da UFSB em Porto Seguro. Além das atividades de captura e edição, estas oficinas implicam a análise e apreciação de uma seleção de filmes indígenas de várias partes do continente.

período: 30 dias; Público: professores, alunos e lideranças pataxó e tikmu'un (30 pessoas).
Local: Escola Indígena de Coroa Vermelha;

b. Viagens de intercâmbio entre jovens e pajés tikmu'un _maxakali e pataxó.

Duas viagens serão organizadas para que possam ser proporcionadas vivências entre jovens e anciãos tikmu'un e pataxó. Nas aldeias tikmu'un os jovens pataxó terão oportunidade de uma imersão na língua, no cotidiano, no encontro com crianças e anciãos e, sobretudo, na vida ritualística cotidiana empreendida pelos povos tikmu'un.

Nas aldeias pataxó, os viajantes tikmu'un poderão conhecer seus projetos socioambientais, suas danças, seus peixes, sua culinária e suas formas de articulação social e política. As viagens terão participação e acompanhamento das Coordenações regionais da FUNAI de Governador Valadares (MG) e Eunápolis, bem como o apoio do Conselho de Caciques e da Superintendência de Assuntos Indígenas de Porto Seguro.

Duração 10 dias em duas etapas. Público: professores, alunos e lideranças pataxó e tikmu'un (30 pessoas).

c. Oficina de trabalho sobre registros orais e escritos da história pataxó. O acesso aos documentos históricos sobre seus movimentos nos séculos anteriores é uma grande demanda dos professores Pataxó. Assim, formularam esta proposta de forma a poderem cotejar os relatos de seus anciãos aos relatos dos historiadores. A presença de cada professor/pesquisador convidado, com trabalhos históricos em torno dos povos da região será alternada diante dos participantes anciãos e professores Pataxó. Pesquisadores convidados: Francisco Cancela (UNEB), Maria Hilda Barqueiro Paraíso (UFBA), Maria do Rosário de Carvalho (UFBA), Tururin Pataxó, Arauê Pataxó (Barra Velha).

Duração: 10 dias. Público: professores, alunos e lideranças pataxó e tikmu'un (30 pessoas).
Local: Sala do Ponto de Cultura da Aldeia Velha de Arraial d'Ajuda.

Projeto 2 OS CANTOS TIKMU'UN NO PROCESSO DE REVITALIZAÇÃO DA LÍNGUA PATAXÓ

d. Oficina “Pensando a língua”. Bruna Franchetto (UFRJ, Museu Nacional) e equipe do PRODOCLIN (Projeto de documentação das Línguas indígenas – Museu do Índio-FUNAI). Duração: 8 dias. Local: Escola Indígena de Barra Velha (Porto Seguro)

e. Oficina Estudos sobre a família linguística maxakali Carlo Sandro Campos (UFMG), América Lucia César (UFBA) Marquinhos Maxakali, Isael Maxakali. Duração: 8 dias. Local: Escola Indígena de Barra Velha (Porto Seguro)

f. Oficina Cantos e Histórias Tikmu’un_Maxakali: Toninho Maxakali, Manuel Damásio Maxakali, Isael Maxakali, Suely Maxakali, Tururin Pataxó. Duração: 5 dias. Local: Escola Indígena de Barra Velha (Porto Seguro)

g. Oficina Metodologias de revitalização e retomada da língua: Bruna Franchetto, Luiz Amaral e equipe do PRODOCLIN (Projeto de documentação das Línguas indígenas – Museu do Índio-FUNAI). Duração: 8 dias. Local: Escola Indígena de Barra Velha (Porto Seguro)

h. Oficina “Experiências de alfabetização e de ensino de línguas nas Escolas Indígenas”. professor Kanaty Pataxó (Minas Gerais) e Luiz Amaral. Duração: 5 dias. Local: Escola Indígena de Barra Velha (Porto Seguro)

i. Oficina de Escuta sensível: ferramentas e processos de sensibilização para as sonoridades linguísticas, musicais. Daniel Puig. A realidade sonora pode ser vista como um componente importante para o reconhecimento que envolve as trocas simbólicas em torno do uso e construção cotidiana de uma língua. Toda produção sonora tem sua base na escuta, como motivo, motivadora e fonte. A oficina propõe atividades e práticas, cujos resultados tem consequências diretas para a produção dos resultados materiais propostos: cinema, audiovisual, música, língua falada e em suporte escrito. Busca aprofundar o domínio das ferramentas da escuta que favorecem a expressão linguística e acústico-musical, levando em conta os aspectos culturais, estéticos e corporais que interessam aos participantes e potencializam as trocas necessárias aos objetivos propostos no projeto. Duração: 5 dias

Todas estas oficinas foram minuciosamente elaboradas conjuntamente, sob a demanda dos professores/pesquisadores pataxó. Alguns dos convidados, como Bruna Franchetto e Luiz Amaral que integraram o trabalho a ser desenvolvido no âmbito do Programa PRODOCLIN (Museu do Índio-FUNAI/UNESCO), tendo em vista o interesse deste projeto de revitalização de língua indígena para as discussões atuais sobre o desaparecimento da diversidade linguística a nível planetário e da importância das línguas faladas no Brasil dentro deste quadro. A presença dos linguistas com grande engajamento junto às comunidades e alta qualificação teórica será constante em todas as oficinas, de forma a acompanharem os movimentos e as comparações linguísticas que serão realizadas entre os participantes tikmu’un e pataxó. Pela duração aqui proposta, de 35 dias, entendemos que trata-se de uma atividade piloto, a ser sustentada com a renovação do Programa e a consolidação de parcerias com o Museu do Índio e a Secadi MEC, bem como com os cursos de Licenciatura Intercultural Indígena da UNEB, do IFBA e da UFMG. As oficinas acontecerão nas Aldeias de Porto Seguro. A oficina de captação e gravação de áudio, bem como sua reprodução nos meios escolhidos pelos participantes, procura processualmente construir um conhecimento prático, consciente e crítico, a respeito de seu uso. A partir de uma base de atividades de escuta e análise visando a sensibilização para distintas qualidades sonoras e formas de se pensar a escuta, serão realizadas gravações de falantes maxakali, e de outras línguas para análise, experimentação e trabalho criativo das sonoridades, como forma de ampliar a escuta.

j. Oficina de confecção de livro. Para registrar e ampliar o alcance do Programa prevê-se a confecção e edição coletiva (Pataxó, Maxakali e integrantes não-índios) de um livro de anotações, situado entre o diário e o caderno de processo. Trata-se de registrar o percurso

de realização dos projetos “Poesia e história nas cosmopistas maxakali-pataxó” e “Os cantos *tikmu’un* no processo de revitalização da língua pataxó”. O Programa como um todo visa perpetuar a memória de uma língua quase apagada – o que a comunidade pataxó tem chamado de “retomada da língua”, mas visa também dar a conhecer uma parte de narrativas e de atos poéticos indígenas que nos tem sido suprimida. O livro, em seu sentido ampliado, abriga e difunde não apenas recortes de histórias, mas toma a letra para além do alfabeto, em um processo escritural que inclui, como forma de escrita, pinturas rupestres, pinturas corporais, diversos grafismos indígenas. Este espaço vem sendo cunhado na contemporaneidade, na medida em que a grafia, a sonoridade, a textura das coisas desdobram-se para compor um campo literário mais amplo.

De tal maneira, no livro composto coletivamente, busca-se grafar: gestos, imagens, cadência da língua, sons, atos de cura, cantos, rituais e falas inscritos em muitas épocas e lugares dos Maxakali e dos Pataxó. Busca-se, ainda, registrar, em pequenos fragmentos, esse encontro - incluindo vozes de outras pessoas da comunidade que se juntarão ao Programa, registros metodológicos e de realização das oficinas, acontecimentos inesperados, fotografias, descrições da biodiversidade, desenhos, e tudo mais que for escolhido de maneira colaborativa. O livro testemunha assim o desdobramento das línguas (em seus aspectos simbólicos e estéticos ampliados) e as constantes traduções necessárias (linguísticas, intersemióticas e interculturais). Pensando que a tradução de palavras e ideias de uma língua para outra e a revitalização do *Patxohã* operem também como tradução de visões de mundo, de sensibilidades e de sentidos. Como se trata de uma composição coletiva, o projeto editorial serve como roteiro inicial, mas pode ser modificado durante a feitura do livro. Inicialmente o livro será composto por lâminas de papel de gramatura maior, sem costura, para que a ordem das lâminas seja dada pelo leitor. As lâminas poderão vir em um fichário de capa dura ou em uma caixa de papelão. Cada uma delas poderá ser lida separadamente e destacada, e conterá uma epígrafe e uma fotografia que funcionarão como costura, dando unidade ao livro.

O trabalho de edição se estrutura nas seguintes etapas:

- acompanhamento dos projetos “Poesia e história nas cosmopistas maxakali-pataxó” e “Os cantos *tikmu’un* no processo de revitalização da língua pataxó”, feito com estudantes da UFSB inscritos no componente “Escrita criativa”.
- recolhimento de anotações, fotografias, desenhos, gravações sonoras e outros materiais escriturais produzidos durante o CC Experiências do Sensível e nas oficinas dos dois projetos.
- compilação de métodos e práticas usados nas oficinas que compõem os dois projetos.
- oficina de edição coletiva (realizada com os Maxakali, os Pataxó e os estudantes envolvidos) para a composição das lâminas e definição da arte-final do livro.

Duração: 8 dias.

Público: 10 professores Pataxó de Minas Gerais, 40 professores Pataxó da Bahia e 10 participantes (professores, narradores, pajés) Tikmu’un_ Maxakali. Artistas Pataxó e Maxakali

Projeto 3 INTERCULTURALIDADE E CURRÍCULO: CINEMA, ETNOMATEMÁTICA E LÍNGUA INDÍGENA NA UFSB E NA REDE DE EDUCAÇÃO BÁSICA. A UFSB realizou recentemente uma caravana sobre Cinema e Direitos Humanos nos seus Campi e Colégios Universitários. Um dos componentes curriculares do BI e da Li em Artes é Cinema e processos de subjetivação

nas Américas e Estéticas Ameríndias. Neles os bolsistas deste projeto terão recursos analíticos para comentar e discutir uma seleção de filmes – cuja maioria faz parte do catálogo da Associação Vídeo nas Aldeias e é de autoria indígena – a serem apresentados nas Escolas em sessões de debates. Estes fóruns formarão nossos bolsistas que estarão presentes nestas atividades. Almeja-se realizar inicialmente um mini-curso para os professores de cada estabelecimento e posteriormente um debate com os estudantes. Esta atividade poderá igualmente ser integrada às atividades curriculares das demais Licenciaturas da UFSB, intituladas “Práticas compartilhadas”. A implantação do ensino de língua indígena Maxakali se fará paralelamente à execução do Plano “Mais cultura nas Universidades” por meio do qual a UFSB promoverá a integração de professores, mestres de comunidades tradicionais, no ensino de suas línguas. Esta ação será desenvolvida metodologicamente a partir das oficinas que serão realizadas com os linguistas junto aos falantes do maxakali para o ensino da sua língua aos seus parentes pataxó.

Além disso, pretende-se ampliar o acesso dos estudantes indígenas e não indígenas aos ambientes da UFSB, seus laboratórios e atividades de pesquisa, tornando efetivamente esta Universidade uma universidade popular, conforme previsto no Plano Orientador. Conforme o pesquisador e docente da UFSB, Rogério Ferreira argumenta,

o pensamento secular que compreende a escola em espaço indígena como “escola para o povo” retira do sujeito indígena o protagonismo na construção de uma escola efetivamente representativa de suas necessidades e vontades. Portanto, espera-se que esse pensamento seja transcendido para a “escola do povo”, como lhe é de direito, conforme legisla a constituição brasileira em vigor desde 1988 (FERREIRA, 2014, p.23).

A oficina em “Etnomatemática e Arte Indígena” para estudantes da rede de Educação Básica será oferecida, com participação de estudantes indígenas tanto da Educação Básica quanto da própria UFSB.

Avaliação

Como todas as atividades dos projetos encontram-se fortemente vinculadas a componentes curriculares e a atividades de pesquisa (IC) e atividades complementares presentes nas matrizes curriculares dos cursos da UFSB, as avaliações se darão tanto no âmbito desses CCs, quanto por meio de relatórios parciais (a cada quadrimestre letivo) e final de cada estudante, validados por seu tutor, supervisor e coordenadores.

É de fundamental importância reconhecer e registrar que, sobretudo no que concerne a um projeto pedagógico inovador como este, a avaliação necessariamente deve refletir o universo complexo com o qual a UFSB trabalha. Numa região com predominância de indígenas, afro-descendentes e quilombolas, e com ações de valorização dos saberes e tradições locais, adotamos as noções de aprendizagem formal, informal e não-formal constantes do Guia ECTS do Processo de Bolonha⁵ buscando reconhecer formalmente os conhecimentos e práticas previamente incorporados por nossos estudantes e que podem ser validados pelo colegiado de curso.

Do ponto de vista do estudante, as aprendizagens formal e não-formal, diferentemente da informal, caracterizam-se por sua intencionalidade. Todas elas, contudo, podem configurar-se como situações de aprendizagem significativa. Com esta compreensão ampla, colegiados de curso avaliarão, por

⁵ European Communities. ECTS User’s Guide. Luxembourg: Office for Official Publications of the European Communities, 2009. Disponível em: <http://ec.europa.eu/education/tools/docs/ects-guide_en.pdf>.

solicitação do estudante, situações de aprendizagem informal ou não-formal que podem ser eventualmente computadas entre os créditos necessários à integralização de seu currículo, desde que correspondentes a habilidades e competências de seu programa ou curso. O currículo baseado em competências considera uma dinâmica que integra uma proposta metodológica de dupla perspectiva: por um lado, o fluxo do interesse dos próprios envolvidos, sujeitos que constroem o seu caminho acadêmico; em paralelo, o fluxo dos acontecimentos contemporâneos. Este dinamismo demanda uma ampla flexibilização dos conteúdos (Plano Orientador, 2014, p. 60).

1.6.5 Relação Ensino, Pesquisa e Extensão

Muitas são as atividades de ensino já implementadas pela UFSB nos dois quadrimestres iniciais de Formação Geral, nos quais as atividades propostas neste Programa já vêm sendo trabalhadas e poderão ser atualizadas e sistematizadas. O componente curricular “Campo da docência: saberes e práticas”, voltado para a reflexão inicial sobre as Diretrizes Curriculares, o Estatuto da Criança e do Adolescente e sobre os conhecimentos tradicionais e populares, é um deles. Os estudantes são convidados a refletir sobre a Educação Escolar Indígena, sobre a diversidade étnico-racial e cultural na escola. Ademais, recebem mestres e mestradas do saberes populares e tradicionais em sala de aula e são recebidos pelos mesmos mestres e mestradas em seus locais de vida e trabalho. No Bacharelado Interdisciplinar e na Licenciatura Interdisciplinar em Artes estão sendo propostos os componentes: “Estéticas ameríndias”, “Cinema e processos de subjetivação nas Américas” e “Escrita criativa”, “Matemática no cotidiano” e “Matemática e espaço”. Todos eles dialogam com as atividades deste Programa, podendo ser ao mesmo tempo um espaço de reflexão e produção de material bibliográfico, didático e artístico, com base nas experiências já realizadas na UFSB. O CC “Fórum Interdisciplinar: Experiências do Sensível”, componente de Formação Geral tanto dos BIs quanto das LIs, também constitui potente inovação pedagógica em curso e que se soma aos demais acima descritos. Seus principais objetivos são despertar e potencializar nos estudantes outras competências além daquelas cognitivas, exploradas tradicionalmente nos cursos universitários. Como produto deste CC, a um só tempo, teórico e prático, foram produzidos diversos blogs pessoais e acadêmicos dos estudantes e que podem ser acessados na web. Sobre este CC, a professora Denise Coutinho escreveu, em setembro de 2014:

A Universidade Federal do Sul da Bahia já começa com histórias para contar. Uma das inovações pedagógicas que vem sendo experimentada desde o primeiro dia de aulas é o componente curricular (semelhante ao que antes se chamava disciplina ou matéria) denominado “Fórum Interdisciplinar: Experiências do Sensível”. Não há, entre nós, registro de qualquer universidade brasileira que tenha ousado tanto em termos de inclusão curricular. A proposta é compatível com os projetos mais arrojados de educação no mundo. Trata-se de incluir na pauta da formação universitária, de modo concreto e visível, elementos de sensibilidade, convivialidade e afetividade, tendo como foco a produção de subjetividade por parte do estudante e, inevitavelmente, também do professor⁶.

Soma-se a todas estas atividades, o Plano de Cultura da UFSB, aprovado em março de 2015, que propõe a criação de uma rede de educação intercultural no sul da Bahia. Por meio deste, a UFSB, em parceria com a Universidade do Estado da Bahia - UNEB, Secretaria da Educação do Estado da Bahia, Secretaria de Cultura do Estado da Bahia, o Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, Portugal, prefeituras municipais de Itabuna, Teixeira de

⁶ Disponível em: <http://www.pimenta.blog.br/2014/09/18/historias-do-sensivel/>. Acesso em: 10 abril 2015.

Freitas e Porto Seguro e associações culturais parceiras, executará um Plano de Cultura, cujos objetivos principais são potencializar e promover o papel estratégico da diversidade de saberes, culturas e conhecimentos locais no Sul da Bahia e construir núcleos interinstitucionais de criação, produção e difusão da cultura, por meio da articulação de atividades de ensino, pesquisa e cooperação interinstitucional universitária e extrauniversitária.

Desta forma, o Programa que aqui apresentamos e o Plano de Cultura da UFSB são ambos articulados e estruturantes na consolidação acadêmica desta Universidade, estando em plena concordância com o Plano Orientador da Universidade. Como descrevemos acima, todos os participantes desta equipe são pesquisadores com experiência e trajetória de liderança em atividades que subsidiam teoricamente a realização qualificada deste Programa. Ressaltamos igualmente a inserção dos grupos de estudos *Arandu Heta*, que reúne projetos que se caracterizam pela atenção à diversidade de saberes que são fundados na atenção estética, a qual porta necessariamente uma ética e uma ecologia e o grupo O trabalho da memória através dos cantos, vinculado também ao Museu do Índio-Funai, o Literaterras, com ampla experiência em elaboração de materiais didáticos bilíngues e reflexão sobre a Literatura Indígena, o grupo *Estudos sobre a Universidade* – CNPq, que discute principalmente inovações pedagógicas pós-Reuni no Brasil e epistemologias não-cartesianas, e o grupo *Histórias de vida e dinâmicas interdisciplinares*. Estes grupos de pesquisa, reunidos aqui, trarão um conjunto de abordagens que farão deste Programa um intenso laboratório de ação e reflexão, qualificando, ao mesmo tempo, o processo de criação dos Programas de Pós-Graduação da UFSB, cuja elaboração dos Projetos Políticos Pedagógicos encontram-se em curso. São eles: “Arte e Tradução Cultural nas Américas” e “Educação Popular e Intercultural”.

1.6.6. Avaliação

Pelo Público

Serão realizados questionários a serem respondidos pelos estudantes e professores de escolas que assistirem às atividades realizadas nas escolas da rede de educação básica (projeto 3). O projeto 1 será objeto de constante avaliação qualitativa, estando cada encontro com os narradores e participantes submetido ao interesse, estímulo das comunidades. Pelo seu caráter etnológico, esta ação consiste ela mesma num fórum de reavaliação e diálogo com e pela comunidade indígena em foco, principal avaliadora das nossas ações. A aquisição de equipamentos e condução das atividades de prospecção etnohistórica em deslocamentos conjuntos, será objeto de um acompanhamento cotidiano das coordenadoras. As oficinas serão avaliadas, todas elas, em reuniões periódicas com o grupo de professores/pesquisadores Patxohã de Porto Seguro e com a participação constante do coordenador em todas as atividades. No projeto 3, como nos demais, serão realizados questionários para a avaliação de cada oficina e depoimentos dos participantes constarão do DVD que é um dos produtos finais do Programa.

Pela Equipe

Os trabalhos relacionados ao projeto 1 serão objeto de constante avaliação qualitativa, seja no processo de reflexão sobre os registros, seja no processo de caráter eminentemente etnográfico e participante. As equipes se reunirão regularmente, cotejando materiais produzidos, discutindo leituras e reavaliando as metodologias em forma de grupos de estudo. Uma sistemática de seminários, bem como os processos internos da UFSB (feira de Ciências e Seminários de pesquisa) serão ambientes de avaliação constante das atividades.

Cumprir lembrar que uma proposta desta ordem não pode ser realizada sem um monitoramento constante e diário das atividades pelo Coordenador. De acordo com o Plano Orientador (2014, p. 47), “Para verificação de competências sociais, interpessoais e éticas nas atividades práticas, o estudante será avaliado pelo desempenho [...] junto às equipes de atividades práticas, nelas incluídos mediadores, tutores, residentes e docentes-supervisores”.

1.6.7 Referências

AMARAL, Luiz. Bilinguismo, aquisição, letramento e o ensino de múltiplas línguas em escolas indígenas no Brasil. *CADERNOS DE EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA* - Faculdade Indígena Intercultural. Organizadores: Elias Januário e Fernando Selleri Silva. Cáceres: Editora UNEMAT, v. 9, n. 1, 2011.

ARAÚJO, Cinara de. Cura da Terra: letra, hãmnõgnõy e o litoral do mundo. In: MOURÃO, Fernanda; BRANCO, Lúcia Castello (Org.). *A cura da literatura – breve encontro intenso da psicanálise com o texto de Maria Gabriela Llansol*. Belo Horizonte: FALE-UFMG Viva Voz, 2013, p. 79-89. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/vivavoz/data1/arquivos/acuradaliteratura.pdf> (acesso em 13.abril.2015)

ARAÚJO, Cinara de; BARRA, Cynthia. Português língua escura. In: Núcleo Literaterras (Org.). *Eu vou pedir licença*. Belo Horizonte: Cipó Voador, v. 2, 2009, p. 89-106.

ARAÚJO, Cínara de; BARRA, Cynthia C. S. Estética Maxakali: leitura, escrita, traduções. IV Simpósio Internacional Linguagens e Identidades da/na Amazônia Ocidental, 2010, Rio Branco. *Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Ocidental*. Rio Branco: EDUFAC, 2012, v.4, p. 134-139.

BARRA, Cynthia de Cássia Santos. Literaturas de autoria indígena e revitalização das línguas indígenas. In: BOMFIM, Anari Braz; FERREIRA DA COSTA, Francisco Vanderlei. *Revitalização de língua indígena e Educação Escolar Indígena Inclusiva*. Salvador: Empresa Gráfica da Bahia, 2014, p. 57 - 80.

BOMFIM, Anari Braz; COSTA, Francisco Vanderlei Ferreira (Org.). *Revitalização de língua indígena e educação escolar indígena*. Salvador: Gráfica da Bahia/EGBA, 2014.

BONFIM, Anari Braz. *Patxohã "Língua de Guerreiro": um estudo sobre o processo de retomada da língua Pataxó*. Dissertação (Mestrado em Estudos Étnicos e Africano). Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2012.

_____. Política Linguística: Uma Experiência De Autoria Pataxó. *XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais. Diversidades e (Des)igualdades*. Salvador, 7 a 10 de agosto de 2011. UFBA.

BOMFIM, Arissana Braz Bomfim. *Arte e Identidade: adornos corporais pataxó*. Dissertação (Mestrado em Estudos Étnicos e Africano). Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2012.

CANCELA, Francisco. Uma Barreira Contra os Perigos do Sertão do Monte Pascoal: a criação da vila do Prado, os índios Pataxó e a re-significação das relações de contato (1764-1820) In: AGOSTINHO DA SILVA, Pedro Manoel et alli. *Tradições étnicas entre os pataxó no Monte Pascoal: subsídios para uma educação diferenciada e práticas sustentáveis*. Vitória da Conquista: Núcleo de Estudos em Comunicação, Culturas e Sociedades. NECCSos - Edições UESB, 2008.

CÉSAR, América Lúcia Silva Cesar. *Lições de Abril: a construção da autoria entre os Pataxó de Coroa Vermelha*. Salvador: EDUFBA, 2011.

FERREIRA, Rogério. Resignificação da escola em contexto indígena: Etnomatemática e Ecologia de Saberes. In: *Educação Matemática do Campo no Ciclo de alfabetização*. TV Escola, Boletim 12, Ano XXIV - 2014. Disponível em: http://cdnbi.tvescola.org.br/resources/VMSResources/contents/document/publicationsSeries/14172812_14_Educacaomatematicadocamponociclodaaalfabetizacao.pdf. Acesso em: 10 abril 2015.

FRANCHETTO, Bruna. O que se sabe sobre as línguas indígenas no Brasil. In: *Povos indígenas no Brasil (1996-2000)*. São Paulo: Instituto Sócio Ambiental, 2000, p. 84-88.

_____. L'autre du même: parallélisme et grammaire dans l'art verbal des récits Kuikuro (caribe du Haut Xingu, Brésil). *Amérindia*, Paris: AEA, v. 28, 2003, p. 213-248.

_____. Tolo Kuikúro: Diga cantando o que não pode ser dito falando. *Invenção do Brasil*, Revista do Museu Aberto do Descobrimento, Brasília, v. 1, 1997, p. 57-64.

_____. "Línguas indígenas e comprometimento linguístico no Brasil: situação, necessidades e soluções". *CADERNOS DE EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA - 3º GRAU INDÍGENA*. Barra do Bugres: UNEMAT, v. 3, n. 1, 2004.

_____. *O monolingüismo é uma doença*. Disponível em: http://www.wcaanet.org/events/webinar/PT/textos/Franchetto_PT.pdf. Parte do seminário virtual EASA/ABA/AAA/CASCA d

2013. Acesso em: 2 mar. 2015.

_____. A guerra dos alfabetos: Os povos indígenas entre o oral e o escrito. *MANA. Estudos de Antropologia Social*, v. 14, n. 1, abril de 2008. Museu Nacional – Departamento de Antropologia, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, p. 31-59. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-93132008000100002. Acesso em 14 abril 2015.

_____. Línguas ameríndias: modos e caminhos da tradução. *Cadernos de Tradução*, Tradução e Antropologia. Organização de Christiane Stallaert e Evelyn Schuler Zea. Pós Graduação em Estudos da Tradução-PGET, Universidade Federal de Santa Catarina, n. 30, 2012/2, p. 35-62. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/issue/view/1922>. Acesso em: 14 abril 2015.

GRAHAM, Laura. Three Modes of Shavante Expression: Wailing, Collective Singing and Political Oratory. In: J. Sherzer & Gregory Urban (Ed.). *Native South American Discourse*. New York: Mouton de Gruyter, 1986, p. 83-118.

KUSCH, Rodolfo. El pensamiento americano. In: _____. *Obras completas*. Tomo II. Rosário: Fundación Ross, 2009.

MAXAKALI, Professores. 1998. *O livro que conta histórias de antigamente*. Belo Horizonte. MEC/SEE-MG.

NIMUENAJÚ, Curt. Índios Maxakali. In: _____. *Textos indigenistas*. São Paulo: Loyola. 1982, p. 209-18. (Publicado também na *Revista de Antropologia*. São Paulo: USP, v. 6, n. 1, p. 53-61, 1958).

NIMUENAJU, Curt. *Vocabulário Pataxó* - Seq. I, folder 45. Tamani – Bekoy. 1845 - 1945, Centro de Documentação de Línguas Indígenas.

PARAÍSO, Maria Hilda Baqueiro. Amixokori, Pataxo, Monoxo, Kumanoxo, Kutaxo, Kutatoi, Maxakali, Malali e Makoni: povos indígenas diferenciados ou subgrupos de uma mesma

nação? uma proposta de reflexão. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*. São Paulo: USP / MAE, n. 4, 1994, p. 173-87.

_____. *Relatório Antropológico sobre os Maxakali*. Salvador: FUNAI, 1992.

PESQUISADORES PATAXÓ. *Língua Pataxó*. Coroa Vermelha, 2004.

SAINT-HILAIRE, Auguste de. Esboço de minhas viagens no Brasil e Paraguai consideradas principalmente sob a relação com a Botânica. In: LIMA, Maria Emília Amarante Torres (Trad. e Org.). *As caminhadas de Auguste de Saint Hilaire pelo Brasil e Paraguai*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

SANTOS, Voltair Alves. A Língua Pataxó na Comunidade de Coroa Vermelha. Observatório da Educação Escolar Indígena, Núcleo Yby Yara, 2011.

SEEGER, Anthony. *Why Suyá Sing*. Cambridge. Cambridge University Press, 1987.

SILVA, Aretuza da Cruz. *O Massacre de 1951 e a Resistência dos Pataxó Meridionais*. Teixeira de Freitas, UNEB 2010.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. *Novos estud.* – CEBRAP, São Paulo, n. 79, nov. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-33002007000300004>. Acesso em: 13 mar. 2013.

SPIX, J. B. Von & MARTIUS, C. F. P. *Viagem pelo Brasil*. São Paulo: Melhoramentos; Brasília: INL / MEC, 1976.

TOMLINSON, Gary. *The Singing of the New World*. Indigenous Voice in the Era of European Contact. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.

TUGNY, Rosângela Pereira. Cosmopista Maxakali-Pataxo. In: SCOVINO, Felive et al. (Org.). *Catálogo Escavar o Futuro*. Belo Horizonte, Fundação Clóvis Salgado, 2014. p. 292-297.

_____. 2013. A educação musical nas escolas regulares e os mestres das culturas tradicionais negras e indígenas. *Música e Cultura*, v. 9, no prelo, ABET.

_____. (Org.). *Cantos tikmũ'ün para abrir o mundo*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

_____. 2011. *Escuta e poder na estética tikmũ'ün*. Rio de Janeiro: Museu do Índio, Funai. 196p.

TUGNY, Rosângela Pereira & Totó Maxakali; Zé de Ká Maxakali; Joviel Maxakali; João Bidé Maxakali; Gilmar Maxakali; Pinheiro Maxakali; Donizete Maxakali; Zezinho Maxakali; et alli. 2009a. *Mõgmõka yõg kutex / Cantos do gavião-espírito*. Rio de Janeiro: Azougue.

TUGNY, Rosângela Pereira & Toninho Maxakali; Manuel Damaso Maxakali; Ismail Maxakali; Zé Antoninho Maxakali; Marquinhos Maxakali; Rafael Maxakali; Zelito Maxakali; Gilberto Maxakali (in memoriam). 2009b. *Xunĩm yõg kutex xi ãgtux xi hemex yõg kutex / Cantos e histórias do morcego espírito e do hemex*. Rio de Janeiro: Azougue.

WIED-NEUWIED, Maximiliano, Príncipe de. *Viagem ao Brasil*. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1958 [1815 – 1817].

1.6.8 Observações

Em conformidade com o Plano Orientador da UFSB, as práticas pedagógicas estruturam-se nos seguintes formatos:

- Aprendizagem Baseada em Problemas Concretos (APC), ajustados ao contexto e objetivos do curso;
- Equipes de Aprendizagem Ativa (EAA): grupos de 2 a 3 estudantes de cada ano do curso, atuando em todos os níveis de prática do campo;
- Estratégias de Aprendizagem Compartilhada (EAC), onde os estudantes de cada ano de um curso serão tutores dos colegas do ano anterior;
- Oficinas de Práticas Orientadas por Evidências (POE) para supervisão, coordenação e validação de tecnologias baseadas em conhecimento (Plano Orientador, 2014, p. 9).

Em todos os casos, enfatizam-se metodologias ativas em equipes de ensino-aprendizagem, com redução de aulas expositivas, uso de tecnologias digitais, forte ênfase na tutoria, auto-instrução e foco na prática. O sistema de tutoria inter-pares e por colegas de Pós-Graduação, todos eles supervisionados por pelo menos um docente, permite ao estudante um processo contínuo de avaliação compartilhada, com forte valorização da solidariedade e relativização da competitividade individual como critério estrutural de progressão aos cursos de segundo e terceiro Ciclos.

Tomando ainda o que diz o Plano Orientador (2014, p. 67),

O conceito de Estratégias de Aprendizagem Compartilhada compreende a corresponsabilidade nos processos de aprendizagem e coelaboração nos momentos de produção e síntese de conhecimento. Trata-se de um regime de divisão das responsabilidades do processo pedagógico interpares, em três dimensões: a) cada coorte de educandos cumpre o papel de coeducadores para os novos colegas; b) cada estudante nos cursos presenciais também cumpre a função de facilitador, mediador e tutor para colegas que se encontram em situação metapresencial (na Rede CUNI); c) cada estudante nos programas de pós-graduação terá, entre suas atribuições, atividades permanentes de supervisão de duas equipes de estudantes de graduação. Tais princípios gerais do projeto político-pedagógico referentes ao Primeiro e ao Segundo Ciclo também balizam, no plano prático, o funcionamento dos cursos de Terceiro Ciclo. Outrossim, propiciam necessária e salutar articulação entre os diferentes níveis de formação universitária.

O Projeto Político Pedagógico dos cursos de BI e LI em Artes, bem como a proposta do terceiro ciclo em Artes e Tradução Cultural nas Américas, tem, como estrutura central da formação, a prática de ateliês com artistas/docentes e mestres de comunidades tradicionais. Trata-se de trazer para o diálogo os mestres das artes tradicionais, com todo o fundamento transdisciplinar de seus saberes e fazeres, e os artistas contemporâneos. O componente "Ateliês" representam 400 horas nos currículos das Lis, das quais metade deverá ser ministrada diretamente por mestres e seus auxiliares.

A reconstituição das relações de ensino no contexto dos ateliês faz com que o ambiente coletivo e complexo do aprendizado das comunidades seja minimamente reconstruído no ambiente universitário. Tal ação é central neste Programa, porque está inserida de forma inovadora nos currículos da UFSB. Ao mesmo tempo promoverá uma formação diferenciada dos professores da rede, fomentará o encontro entre mestres de diferentes comunidades oriundas de diversas regiões do país que geralmente não têm a possibilidade de se conhecerem e proporcionará, por fim, a valorização da diversidade cultural e o justo reconhecimento dos mestres e seus saberes tradicionais.

1.7 Divulgação/certificados

Todas as atividades deste Programa gerarão Relatórios de Atividades e serão enviados eletronicamente em formulário criado para este fim pela coordenação do Programa e implementados pela Pró-Reitoria de Tecnologia e Comunicação (PROTIC). Cada relatório conterá a descrição da atividade realizada, os resultados alcançados, as dificuldades encontradas na execução e elementos significativos da experiência; deve justificar alterações não previstas, bem como indicar total de pessoas atingidas com a realização da atividade e potenciais desdobramentos.

No período de finalização de cada uma das atividades (oficina, grupo de estudos, viagens de campo etc.), a coordenação, com o aval dos orientadores/tutores do estudante, enviará para o órgão da UFSB que aprovou o projeto solicitação para a geração do certificado ao qual o estudante fizer jus. Com o parecer emitido, o Comitê Técnico da UFSB autorizará a emissão do certificado ou solicitará ajustes ao relatório. O certificado será disponibilizado online, em papel timbrado da UFSB, contendo título e descritivo da atividade, período e carga horária, nomes do orientador e tutor, nome do estudante e da coordenadora do Programa, além da assinatura do Pró-Reitor de Gestão Acadêmica.

1.8. Outros produtos acadêmicos

Livro-DVD didático e literário

Descrição: o livro será composto por 50 lâminas de papel de gramatura maior, sem costura, para que a ordem das lâminas seja dada pelo leitor. As lâminas poderão vir em um fichário de capa dura ou em uma caixa de papelão. Cada uma delas poderá ser lida separadamente e destacada, e conterá uma epígrafe que funcionará como costura, dando unidade ao livro. No DVD, estarão vídeos selecionados e os cantos coletados nas oficinas.

Tiragem: 1000 exemplares

1.9. Arquivos anexos

Cartas de anuência da PROSIS-UFSB

Cartas de anuência dos parceiros institucionais

Cartas de anuência dos pesquisadores externos

2. Equipe de Execução

Membros da equipe da UFSB (nome, instituição, carga, funções)

Cinara de Araújo, Universidade Federal do Sul da Bahia, 960 h, coordenadora do projeto 1. “Poesia e história nas cosmopistas maxakali-pataxó”;

Christianne Benatti Rochebois, Universidade Federal do Sul da Bahia, 960 h, coordenadora do projeto 2. “Os cantos tikmu’un no processo de revitalização da língua pataxó”;

Denise Maria Barreto Coutinho, Universidade Federal do Sul da Bahia, 960 h, coordenadora do projeto 3. “Interculturalidade e currículo: cinema, etnomatemática e língua indígena na UFSB e na rede de Educação Básica”.

Ana Cristina Santos Peixoto Universidade Federal do Sul da Bahia, 672h, integrante da equipe da atividade: Organização e participação na condução das oficinas de Cinema e audiovisual: convite aos pesquisadores; agendamento; compra de equipamentos;

orientação dos estudantes; Organização das viagens de intercâmbio entre Maxakali e Pataxó; participação nas viagens de intercâmbio orientando bolsistas; articulando com ações institucionais; organizando coleta de materiais; Organização e condução da oficina de trabalho em torno dos registros orais e escritos da história Pataxó; Organização e condução das oficinas relacionadas ao projeto “Os cantos tikmu’un no processo de revitalização da língua pataxó. Convite aos professores, agendamento de sala, preparação de materiais.

Anne Macedo, Universidade Federal do Sul da Bahia, 672h, integrante da equipe da atividade: Organização das viagens de intercâmbio entre Maxakali e Pataxó; participação nas viagens de intercâmbio orientando bolsistas; articulando com ações institucionais; organizando coleta de materiais; Organização e realização de confecção e edição coletiva (Pataxó, Maxakali e integrantes não-índios) de um livro de anotações, situado entre o diário e o caderno de processo. Preparação e condução do processo de contratação de artistas gráficos para finalização e impressão (incluindo arte gráfica dos filmes a serem inseridos no material); Organização e condução das oficinas relacionadas ao projeto “Os cantos tikmu’un no processo de revitalização da língua pataxó. Convite aos professores, agendamento de sala, preparação de materiais.

Augustin Maurice Marie Gondallier de Tugny, Universidade Federal do Sul da Bahia, 672h, integrante da equipe da atividade: Finalização dos vídeos documentário: masterização, regulagem de cor e som; legendagem. Organização, agendamento, preparação e condução das oficinas em “Etnomatemática e Arte Indígena” para estudantes da rede de Educação Básica com participação de estudantes indígenas tanto da Educação Básica quanto da própria UFSB.

Cynthia de Cássia Santos Barra, Universidade Federal do Sul da Bahia, 240h, integrante da equipe da atividade: Organização e realização de confecção e edição coletiva (Pataxó, Maxakali e integrantes não-índios) de um livro de anotações, situado entre o diário e o caderno de processo; Preparação e condução do processo de contratação de artistas gráficos para finalização e impressão (incluindo arte gráfica dos filmes a serem inseridos no material).

Daniel Fils Puig, Universidade Federal do Sul da Bahia, 672h, integrante da equipe da atividade: Organização e participação na condução das oficinas de Cinema e audiovisual: convite aos pesquisadores; agendamento; compra de equipamentos; orientação dos estudantes e Organização do material produzido durante as oficinas de Cinema e audiovisual; reuniões com equipes de professores indígenas participantes para trabalho de roteirização; discussão sobre narrativas; condução do trabalho de mapeamento, edição e montagem; Organização e condução das oficinas relacionadas ao projeto “Os cantos tikmu’un no processo de revitalização da língua pataxó. Convite aos professores, agendamento de sala, preparação de materiais; Organização e condução do processo de registro audiovisual das oficinas relacionadas ao projeto “Os cantos tikmu’un no processo de revitalização da língua pataxó”. Convite aos professores, agendamento de sala, preparação de materiais.

Eliana Povoas Pereira Estrela Brito, Universidade Federal do Sul da Bahia, 672h, integrante da equipe da atividade: Organização, agendamento, preparação e condução dos debates escolas da rede de educação básica de Porto Seguro e municípios, apresentando seu Plano Orientador e realizando debates sobre a função da Universidade nos projetos da sociedade: preparação de materiais de exposição e discussão sobre acervo fílmico a ser apresentado. Organização, agendamento, preparação e condução das oficinas em “Etnomatemática e Arte Indígena” para estudantes da rede de Educação Básica com participação de estudantes indígenas tanto da Educação Básica quanto da própria UFSB.

Luiz Antônio Silva Araujo Universidade Federal do Sul da Bahia, 672h, integrante da equipe
Atividade: Organização e participação na condução das oficinas de Cinema e audiovisual; organização das viagens de intercâmbio entre Maxakali e Pataxó; organização e condução da oficina de trabalho em torno dos registros orais e escritos da história Pataxó; participação nas viagens de intercâmbio orientando bolsistas; articulando com ações institucionais; organizando coleta de materiais; organização e condução das oficinas relacionadas ao projeto “Os cantos tikmu’un no processo de revitalização da língua pataxó”.

Martin Domecq, Universidade Federal do Sul da Bahia, 672h, integrante da equipe da atividade: Organização, agendamento, preparação e condução dos debates escolas da rede de educação básica de Porto Seguro e municípios, apresentando seu Plano Orientador e realizando debates sobre a função da Universidade nos projetos da sociedade: preparação de materiais de exposição e discussão sobre acervo fílmico a ser apresentado. Organização, agendamento, preparação e condução da oficinas em “Etnomatemática e Arte Indígena” para estudantes da rede de Educação Básica com participação de estudantes indígenas tanto da Educação Básica quanto da própria UFSB.

Rogério Ferreira, Universidade Federal do Sul da Bahia, 672h, integrante da equipe da atividade: Organização, agendamento, preparação e condução dos debates escolas da rede de educação básica de Porto Seguro e municípios, apresentando seu Plano Orientador e realizando debates sobre a função da Universidade nos projetos da sociedade: preparação de materiais de exposição e discussão sobre acervo fílmico a ser apresentado.

Sérgio Barbosa de Cerqueda, Universidade Federal do Sul da Bahia, 672h, integrante da equipe da atividade: Organização e participação na condução das oficinas de Cinema e audiovisual: convite aos pesquisadores; agendamento; compra de equipamentos; orientação dos estudantes e Organização do material produzido durante as oficinas de Cinema e audiovisual; reuniões com equipes de professores indígenas participantes para trabalho de roteirização; discussão sobre narrativas; condução do trabalho de mapeamento, edição e montagem; Organização e condução do processo de registro audiovisual das oficinas relacionadas ao projeto “Os cantos tikmu’un no processo de revitalização da língua pataxó”. Convite aos professores, agendamento de sala, preparação de materiais.

Anari Braz Bomfim, grupo de pesquisas Atxohã e do GETI (Grupo de Estudos sobre Temáticas Indígenas do IFBa – Porto Seguro). 576 h. Atividade: Organização e participação na condução das oficinas de Cinema e audiovisual: convite aos pesquisadores; agendamento; compra de equipamentos; orientação dos estudantes; Organização e condução da oficina de trabalho em torno dos registros orais e escritos da história Pataxó; Finalização dos vídeos documentário: masterização, regulagem de cor e som; legendagem. Organização e condução das oficinas relacionadas ao projeto “Os cantos tikmu’un no processo de revitalização da língua pataxó”. Convite aos professores, agendamento de sala, preparação de materiais; Organização e condução do processo de registro audiovisual das oficinas relacionadas ao projeto “Os cantos tikmu’un no processo de revitalização da língua pataxó”. Convite aos professores, agendamento de sala, preparação de materiais.

Bruna Franchetto, Departamento de Linguística e do Departamento de Antropologia (Museu Nacional) na Universidade Federal do Rio de Janeiro. Programa de documentação de línguas e culturas indígenas-ProDoclin, Museu do Índio (FUNAI). 576 h. Atividade: Organização das viagens de intercâmbio entre Maxakali e Pataxó; participação nas viagens de intercâmbio orientando bolsistas; articulando com ações institucionais; organizando coleta de materiais; Organização e condução das oficinas relacionadas ao projeto “Os cantos tikmu’un no processo de revitalização da língua pataxó”. Convite aos professores, agendamento de sala, preparação de materiais.

Cezar Migliorin, Universidade Federal Fluminense. 576 h. Atividade: Organização e participação na condução das oficinas de Cinema e audiovisual: convite aos pesquisadores; agendamento; compra de equipamentos; orientação dos estudantes e Organização do material produzido durante as oficinas de Cinema e audiovisual; reuniões com equipes de professores indígenas participantes para trabalho de roteirização; discussão sobre narrativas; condução do trabalho de mapeamento, edição e montagem; Finalização dos vídeos documentário: masterização, regulagem de cor e som; legendagem; Organização e condução do processo de registro audiovisual das oficinas relacionadas ao projeto “Os cantos tikmu’un no processo de revitalização da língua pataxó”. Convite aos professores, agendamento de sala, preparação de materiais; Organização, agendamento, preparação e condução dos debates escolas da rede de educação básica de Porto Seguro e municípios, apresentando seu Plano Orientador e realizando debates sobre a função da Universidade nos projetos da sociedade: preparação de materiais de exposição e discussão sobre acervo fílmico a ser apresentado.

Francisco Eduardo Torres Cancela, Intercultural em Educação Escolar Indígena da UNEB. 576 h. Atividade: Organização das viagens de intercâmbio entre Maxakali e Pataxó; participação nas viagens de intercâmbio orientando bolsistas; articulando com ações institucionais; organizando coleta de materiais; Organização e condução da oficina de trabalho em torno dos registros orais e escritos da história Pataxó.

Isaac Pipano, Universidade Federal Fluminense. **Projeto Inventar com a diferença**. 576 h. Atividade: Organização e participação na condução das oficinas de Cinema e audiovisual: convite aos pesquisadores; agendamento; compra de equipamentos; orientação dos estudantes; Finalização dos vídeos documentário: masterização, regulagem de cor e som; legendagem; Organização, agendamento, preparação e condução dos debates escolas da rede de educação básica de Porto Seguro e municípios, apresentando seu Plano Orientador e realizando debates sobre a função da Universidade nos projetos da sociedade: preparação de materiais de exposição e discussão sobre acervo fílmico a ser apresentado.

Jose Pedro Machado Ribeiro, Universidade Federal de Goiás. 576 h. Atividade: Organização, agendamento, preparação e condução da oficinas em “Etnomatemática e Arte Indígena” para estudantes da rede de Educação Básica com participação de estudantes indígenas tanto da Educação Básica quanto da própria UFSB.

Luiz Amaral Universidade de Massachusetts Amherst. 576 h. Atividade: Organização e condução das oficinas relacionadas ao projeto “Os cantos tikmu’un no processo de revitalização da língua pataxó”. Convite aos professores, agendamento de sala, preparação de materiais.

Coordenadora: **Rosângela Pereira de Tugny**, Universidade Federal do Sul da Bahia, 960 h

CPF: 54664330634

rtugny@gmail.com

2.1.Cronograma de atividades

Atividade: Organização e participação na condução das oficinas de Cinema e audiovisual: convite aos pesquisadores; agendamento; compra de equipamentos; orientação dos estudantes

Início Duração: 1 de janeiro a 30 de junho de 2016

Somatório da carga horária dos membros

Responsável: Cinara Araújo

Membros vinculados: bolsistas de extensão, Sérgio Cerqueda; Ana Cristina; Daniel Puig, Luiz Araújo, Isaac Pipano, Cezar Migliorim, Anari Bomfim.

Atividade: Organização do material produzido durante as oficinas de Cinema e audiovisual; reuniões com equipes de professores indígenas participantes para trabalho de roteirização; discussão sobre narrativas; condução do trabalho de mapeamento, edição e montagem.

Início Duração: 1 de agosto de 2016 a 30 de outubro de 2017

Somatório da carga horária dos membros

Responsável: Cinara Araújo, Ana Cristina Santos Peixoto; Anari Braz Bomfim; Cynthia de Cássia Barra

Membros vinculados: bolsistas de extensão, Sérgio Cerqueda, Daniel Puig, Luiz Araújo, Isaac Pipano, César Migliorim, Augustin de Tugny.

Atividade: Organização das viagens de intercâmbio entre Maxakali e Pataxó; participação nas viagens de intercâmbio orientando bolsistas; articulando com ações institucionais; organizando coleta de materiais.

Início Duração: 1 de agosto 2016 a fevereiro de 2017

Somatório da carga horária dos membros

Responsável: Cinara Araújo

Membros vinculados: bolsistas de extensão, Sérgio Cerqueda, Francisco Cancela, Ana Cristina Santos Peixoto; Anari Braz Bomfim; Cynthia de Cássia Barra, Anne Macedo.

Atividade: Organização e condução da oficina de trabalho em torno dos registros orais e escritos da história Pataxó

Início Duração: 1 de maio 2016 a 30 de junho de 2017

Somatório da carga horária dos membros

Responsável: Cinara Araújo

Membros vinculados: bolsistas de extensão, Sérgio Cerqueda, Francisco Cancela, Ana Cristina Santos Peixoto; Anari Braz Bomfim; Cynthia de Cássia Barra.

Atividade: Organização e realização de confecção e edição coletiva (Pataxó, Maxakali e integrantes não-índios) de um livro de anotações, situado entre o diário e o caderno de processo. Preparação e condução do processo de contratação de artistas gráficos para finalização e impressão (incluindo arte gráfica dos filmes a serem inseridos no material).

Início Duração: 1 de maio 2017 a 30 de novembro de 2017

Somatório da carga horária dos membros

Responsável: Cinara Araújo

Membros vinculados: bolsistas de extensão, Denise Coutinho, Martin Domecq, Sérgio Cerqueda, Francisco Cancela, Ana Cristina Santos Peixoto; Anari Braz Bomfim; Cynthia de Cássia Barra, Anne Macedo.

Atividade: Finalização dos vídeos documentários: masterização, regulagem de cor e som; legendagem

Início Duração: agosto a novembro 2017

Somatório da carga horária dos membros

Responsável: Cinara Araújo

Membros vinculados: bolsistas de extensão, Sérgio Cerqueda, Francisco Cancela, Ana Cristina Santos Peixoto; Anari Braz Bomfim; Cynthia de Cássia Barra, Isaac Pipano, César Migliorim, Augustin de Tugny.

Atividade: Organização e condução das oficinas relacionadas ao projeto “Os cantos tikmu’un no processo de revitalização da língua pataxó. Convite aos professores, agendamento de sala, preparação de materiais.

Início Duração: 1 de maio 2016 a 30 de março de 2017

Somatório da carga horária dos membros

Responsável: Christianne Benatti Rochebois

Membros vinculados: bolsistas de extensão, Ana Cristina Santos Peixoto; Anari Braz Bomfim; Daniel Puig, Bruna Franchetto, Luiz Amaral, Martin Domecq.

Atividade: Organização e condução do processo de registro audiovisual das oficinas relacionadas ao projeto “Os cantos tikmu’un no processo de revitalização da língua pataxó. Convite aos professores, agendamento de sala, preparação de materiais.

Início Duração: 1 de maio 2016 a 30 de agosto de 2017

Somatório da carga horária dos membros

Responsável: Christianne Benatti Rochebois

Membros vinculados: bolsistas de extensão, Anari Braz Bomfim; Daniel Puig, Luiz Araújo, Isaac Pipano, César Migliorim, Augustin de Tugny.

Atividade: Organização, agendamento, preparação e condução dos debates escolas da rede de educação básica de Porto Seguro e municípios, apresentando seu Plano Orientador e realizando debates sobre a função da Universidade nos projetos da sociedade: preparação de materiais de exposição e discussão sobre acervo filmico a ser apresentado.

Início Duração: 1 de maio 2016 a 30 de novembro de 2017

Somatório da carga horária dos membros

Responsável: Denise Maria Barreto Coutinho

Membros vinculados: bolsistas de extensão, Rosângela Pereira de Tugny, Isaac Pipano, César Migliorim, Augustin de Tugny, Sérgio Cerqueda, Eliana Povoas Brito, Rogério Ferreira, Jose Pedro Machado Ribeiro, Anne Macedo.

Atividade: Organização, agendamento, preparação e condução da oficinas em “Etnomatemática e Arte Indígena” para estudantes da rede de Educação Básica com participação de estudantes indígenas tanto da Educação Básica quanto da própria UFSB
Início Duração: 1 de agosto 2016 a 30 de novembro de 2017

Somatório da carga horária dos membros

Responsáveis: Denise Maria Barreto Coutinho e Rogério Ferreira

Membros vinculados: bolsistas de extensão, Augustin de Tugny, Eliana Povoas Brito, Jose Pedro Machado Ribeiro, Martin Domecq.

3. RECEITA

3.1

Orçamento - Receita					
Arrecadação					
Apagar	Descrição	Tipo	Quantidade	Custo Unitário	Total
	Total				R\$ 0,00

3.2 Recursos da IES (MEC)

Orçamento - Receita	
Recursos do MEC	
Bolsas de extensão	Valor(R\$)
Auxílio Financeiro a Estudantes (3390-18):	92.400,00
Subtotal 1:	92.400,00
Rubricas	Valor(R\$)
Material de Consumo (3390-30):	3.900,00

Passagens e Despesas com Locomoção (3390-33):	<input type="text" value="13.000,00"/>	
Diárias - Pessoal Civil (3390-14):	<input type="text" value="50.320,00"/>	
Outros Serviços de Terceiros - Pessoa Física (3390-36):	<input type="text" value="0,00"/>	
Outros Serviços de Terceiros - Pessoa Jurídica (3390-39):	<input type="text" value="64.000,00"/>	
Equipamento e Material Permanente (4490-52):	<input type="text" value="76.100,00"/>	
Encargos patronais (3390-47):	<input type="text" value="0,00"/>	
Subtotal 2:		
		207.320,00
Total = Subtotal 1 + Subtotal 2 : 299.720,00		
« Passo Anterior Próximo Passo »		

3.3. Não há recursos de terceiros

Orçamento - Receita			
Recursos de Terceiros			
Apagar	Instituição	Item de Dispêndio	Valor
	Total		R\$ 0,00

[\[Apagar Selecionados\]](#)

Inserir Novo Item de Dispêndio

Nome da Instituição: 

Item de Dispêndio: 

Tipo: Espécie In Natura 

Valor: 

É órgão público: Sim Não 

3.4.Receita consolidada

Orçamento - Receita

Receita Consolidada

Elementos da Receita (Com Bolsa)	R\$
Subtotal 1 (Arrecadação)	0,00
Subtotal 2 (Recursos da IES (MEC): Bolsas + Rubricas)	299.720,00
Subtotal 3 (Recursos de Terceiros)	0,00
Subtotal 1	299.720,00

Valor total solicitado: **R\$ 299.720,00**

Duzentos e Noventa e Nove Mil e Setecentos e Vinte Reais

Elementos da Receita (Sem Bolsa)	R\$
Subtotal 1 (Arrecadação)	0,00
Subtotal 2 (Recursos da IES (MEC): Rubricas)	207.320,00
Subtotal 3 (Recursos de Terceiros)	0,00
Subtotal 2	207.320,00

Valor total solicitado: **R\$ 207.320,00**

Duzentos e Sete Mil e Trezentos e Vinte Reais

4. Despesas

Orçamento Consolidado

Elementos de Despesa	Arrecadação	Instituição (MEC)	Terceiros	Total
Bolsa - Auxílio Financeiro a Estudantes (3390-18)	0,00	92.400,00	0,00	92.400,00
Bolsa - Auxílio Financeiro a Pesquisadores (3390-20)	0,00	0,00	0,00	0,00

Subtotal 1	0,00	92.400,00	0,00	92.400,00
Diárias - Pessoal Civil (3390-14)	0,00	50.320,00	0,00	50.320,00
Material de Consumo (3390-30)	0,00	3.900,00	0,00	3.900,00
Passagens e Despesas com Locomoção (3390-33)	0,00	13.000,00	0,00	13.000,00
Serviços de Terceiros - Pessoa Física (3390-36)	0,00	0,00	0,00	0,00
Serviços de Terceiros - Pessoa Jurídica (3390-39)	0,00	64.000,00	0,00	64.000,00
Equipamentos e Material Permanente (4490-52)	0,00	76.100,00	0,00	76.100,00
Outras Despesas	0,00	0,00	0,00	0,00
Impostos	0,00	0,00	0,00	0,00
Subtotal 2	0,00	207.320,00	0,00	207.320,00
Total	0,00	299.720,00	0,00	299.720,00

4.1 Despesas diárias

Orçamento - Despesa					
Diárias					
Apagar	Localidade	Fonte	Quant.	Custo Unitário	Custo Total
<input type="checkbox"/>	Porto Seguro - Bahia - Brasi...	IES (MEC)	296,0	R\$ 170,00	R\$ 50.320,00
Total					R\$ 50.320,00

O projeto conta com um grande número de participantes que virão de outras localidades:

5 mestres tikmuún maxakali por 20 dias

4 professores/pesquisadores/cineastas do Rio de Janeiro por 20 dias

1 professora/pesquisadora do Rio de Janeiro por 35 dias

Um pesquisador/docente de Goiânia por 15 dias

Um pesquisador de Belo Horizonte por 25 dias

Um realizador de Porto Alegre por 15 dias

Um professor Pataxó de Carmésia, Minas Gerais por 20 dias

Duas pesquisadores/docentes de Salvador por 3 dias

As despesas de diárias incluem alojamento e alimentação para os convidados.

4.2. Despesas. Material de consumo

Orçamento - Despesa						
Material de Consumo						
Apagar	Descrição	Fonte	Quant	Unidade	Custo Unitário	Custo Total
<input type="checkbox"/>	Cartolinas e outros papéis coloridos	IES (MEC)	1	Conjunto de itens para todas as oficinas	R\$ 3.900,00	R\$ 3.900,00
Total						R\$ 3.900,00

Cartolinas e outros papéis coloridos, cola, tintas, canetas hidrocor, água para oficinas.

4.3. Despesas: passagens

Orçamento - Despesa						
Passagens						
Apagar	Percurso	Fonte	Quantidade	Custo Unitário	Custo Total	
<input type="checkbox"/>	Belo Horizonte » Porto Seguro » Belo Horizonte...	IES (MEC)	2	R\$ 700,00	R\$ 1.400,00	
<input type="checkbox"/>	Brasília » Porto Seguro » Brasília	IES (MEC)	3	R\$ 800,00	R\$ 2.400,00	
<input type="checkbox"/>	Goiânia » Porto Seguro » Goiânia	IES (MEC)	2	R\$ 800,00	R\$ 1.600,00	
<input type="checkbox"/>	Porto Alegre » Porto Seguro » Porto Alegre	IES (MEC)	2	R\$ 1.000,00	R\$ 2.000,00	
<input type="checkbox"/>	Rio de Janeiro » Porto Seguro » Rio de Janeiro...	IES (MEC)	7	R\$ 800,00	R\$ 5.600,00	
Total						R\$ 13.000,00

As passagens aéreas são destinadas aos pesquisadores e cineastas indígenas que ministrarão as oficinas previstas nos três projetos deste Programa. Algumas passagens são destinadas à viagem da equipe de coordenação em eventos do PROEXT.

4.4. Serviços de terceiros: pessoa física

não há

4.5. Serviços de terceiros Jurídica

Serviços de Terceiros - Pessoa Jurídica			
Apagar	Descrição	Fonte	Custo Total
<input type="checkbox"/>	Aluguel de carro com motorista para transporte de convidados Maxakali nas...	IES (MEC)	R\$ 5.000,00
<input type="checkbox"/>	Serviços de arte gráfica	IES (MEC)	R\$ 8.000,00
<input type="checkbox"/>	Serviços de duplicação de dvds	IES (MEC)	R\$ 2.000,00
<input type="checkbox"/>	Serviços de finalização, legendagem, masterização e versão final de...	IES (MEC)	R\$ 9.000,00
<input type="checkbox"/>	Serviços gráficos de impressão de livros	IES (MEC)	R\$ 40.000,00
Total			R\$ 64.000,00

Todos os projetos compreendidos no âmbito deste Programa serão acompanhados por um trabalho de registro, edição e confecção de um objeto - livro didático, diário de pesquisa, filme documentário, destinado ao uso nas escolas indígenas e não indígenas. Serão necessárias contratação de serviço para a finalização dos vídeos, a arte gráfica, a duplicação em DVDs e as impressões gráficas.

4.6. Material permanente

Material Permanente					
Apagar	Descrição	Fonte	Quantidade	Custo Unitário	Custo Total
<input type="checkbox"/>	7 ilhas de edição constituídas...	IES (MEC)	5	R\$ 10.900,00	R\$ 54.500,00
<input type="checkbox"/>	gravador zoom h4 N	IES (MEC)	1	R\$ 5.000,00	R\$ 5.000,00
<input type="checkbox"/>	Projetores multimídia	IES (MEC)	2	R\$ 6.800,00	R\$ 13.600,00
<input type="checkbox"/>	telas de projeção para cinema e...	IES (MEC)	2	R\$ 1.500,00	R\$ 3.000,00
Total					R\$ 76.100,00

Os materiais aqui propostos se destinam a estender a rede de colaboração da UFSB com os professores indígenas Pataxó da região de Porto Seguro, onde existem 39 escolas e com os professores indígenas Maxakali_Tikmu'un, onde existem atualmente 11 escolas. Alguns kits/ilhas de edição serão instalados nas escolas indígenas como forma de compartilhar estes equipamentos de registro e criação audiovisual e dois equipamentos ficarão instalados nos Laboratórios da UFSB no Campus Sosígenes Costa de Porto Seguro.

Os dois projetos solicitados são destinados às apresentações propostas no Projeto 3, no escopo do qual será realizada uma ampla caravana de apresentação de filmes e outros materiais para debates.

4.7. Bolsas de extensão

Bolsa						
Apagar	Nome do Bolsista	Início / Término	Fonte	Tipo Institucional	Custo/Mês	Custo Total
<input type="checkbox"/>	[!] A ser selecionado	01/04/2016 01/01/2018	IES (MEC)	Discente de Graduação	R\$ 400,00	R\$ 8.400,00
<input type="checkbox"/>	[!] A ser selecionado	01/04/2016 01/01/2018	IES (MEC)	Discente de Graduação	R\$ 400,00	R\$ 8.400,00
<input type="checkbox"/>	[!] A ser selecionado	01/04/2016 01/01/2018	IES (MEC)	Discente de Graduação	R\$ 400,00	R\$ 8.400,00
<input type="checkbox"/>	[!] A ser selecionado	01/04/2016 01/01/2018	IES (MEC)	Discente de Graduação	R\$ 400,00	R\$ 8.400,00
<input type="checkbox"/>	[!] A ser selecionado	01/04/2016 01/01/2018	IES (MEC)	Discente de Graduação	R\$ 400,00	R\$ 8.400,00
<input type="checkbox"/>	[!] A ser selecionado	01/04/2016 01/01/2018	IES (MEC)	Discente de Graduação	R\$ 400,00	R\$ 8.400,00
<input type="checkbox"/>	[!] A ser selecionado	01/04/2016 01/01/2018	IES (MEC)	Discente de Graduação	R\$ 400,00	R\$ 8.400,00
<input type="checkbox"/>	[!] A ser selecionado	01/04/2016 01/01/2018	IES (MEC)	Discente de Graduação	R\$ 400,00	R\$ 8.400,00
<input type="checkbox"/>	[!] A ser selecionado	01/04/2016 01/01/2018	IES (MEC)	Discente de Graduação	R\$ 400,00	R\$ 8.400,00
<input type="checkbox"/>	[!] A ser selecionado	01/04/2016 01/01/2018	IES (MEC)	Discente de Graduação	R\$ 400,00	R\$ 8.400,00
<input type="checkbox"/>	[!] A ser selecionado	01/04/2016 01/01/2018	IES (MEC)	Discente de Graduação	R\$ 400,00	R\$ 8.400,00
<input type="checkbox"/>	[!] A ser selecionado	01/04/2016 01/01/2018	IES (MEC)	Discente de Graduação	R\$ 400,00	R\$ 8.400,00
Total						R\$ 92.400,00

Plano de trabalho dos bolsistas (serão solicitados 11 bolsistas)

A ser selecionado

Carga horária semanal: 20 horas

Atividades a serem desenvolvidas/mês

Descrever (um plano para cada projeto)

Planos de trabalho 1, 2, 3

OBJETIVOS

Realizar ações de colaboração artística, metodológica e sociocultural junto a professores, narradores, artistas e pesquisadores indígenas, tendo como referência estudos desenvolvidos em componentes curriculares como: Estéticas ameríndias; Campo de educação básica: saberes e práticas; Cinema e processos de subjetivação nas Américas, bem como de estudos específicos sobre o material etnográfico e literário sobre os povos Tikmu'un e Pataxó.

ATIVIDADES A SEREM DESENVOLVIDAS

Meses 1 a 4

Estudo compartilhado e supervisionado da bibliografia etnológica e histórica sobre os povos indígenas. Participação nas reuniões de estudo da equipe de pesquisadores indígenas e de um dos grupos de pesquisa envolvidos no projeto. Diário de campo registrando contribuições de outros CCs atuais ou anteriores.

Meses 5 a 8

Estudo compartilhado e supervisionado de referências bibliográficas específicas (em bibliotecas digitais como SciELO e outras, teses e dissertações disponíveis no Banco CAPES, cartilhas e material didático já produzido em meio impresso) sobre os povos Tikmu'un e Pataxó. Participação no acondicionamento dos equipamentos adquiridos; preparação de materiais de documentação para viagens e trabalhos com as oficinas de vídeo. Apoio na produção das viagens dos professores convidados, na gestão dos locais e alimentação das oficinas e viagens, preparação dos deslocamentos dos participantes à viagem de intercâmbio a uma aldeia indígena, junto à Superintendência de Assuntos Indígenas. Preparação de certificados.

Meses 9 a 12

Participação na primeira viagem de intercâmbio prevista em uma aldeia indígena Tikmu'un. Documentação, realização de diários de viagem. Apoio na produção da viagem: alimentação, transporte.

Meses 13 a 16

Participação colaborativa e cotidiana na primeira oficina de cinema e audiovisual indígena. Apoio técnico na gestão dos equipamentos, lista de frequência, alimentação. Trabalho com a organização dos arquivos e seus *backups*.

Meses 17 a 20

Participação na oficina de trabalho sobre registros orais e escritos da história pataxó. Gestão dos arquivos audiovisuais; apoio à produção: alimentação e transporte dos convidados indígenas.

Mês 21

Participação nos trabalhos de consolidação do material produzido, a serem efetivados durante a segunda oficina de cinema e audiovisual: edição, finalização, masterização, e duplicação do filme-documentário.

Plano de trabalho 4, 5, 6

OBJETIVOS

Realizar ações de colaboração artística, metodológica e sociocultural juntamente com professores, narradores, artistas e pesquisadores indígenas, tendo como referência estudos desenvolvidos em CCs como: Regiões etno-linguísticas nas Américas; Estéticas ameríndias; Campo de educação básica: saberes e práticas; Cinema e processos de subjetivação nas Américas, bem como estudos específicos sobre línguas indígenas cotejados com o material etnográfico e literário sobre os povos Tikmu'un e Pataxó. Aprendizado sobre etnolinguística e processos de revitalização da língua empreendidos pelos povos indígenas na contemporaneidade.

ATIVIDADES A SEREM DESENVOLVIDAS

Meses 1 a 4

Estudo compartilhado e supervisionado da bibliografia etnolinguística, etnológica e histórica sobre os povos indígenas. Este trabalho de compilação será realizado em bibliotecas digitais como SciELO e outras, no Banco CAPES de teses e dissertações, catalogando cartilhas e material didático já produzido em meio impresso. Trabalho analítico sobre o material musicopoético tikm'un. Participação obrigatória nas reuniões de estudo da equipe de pesquisadores indígenas e de um dos grupos de pesquisa envolvidos no projeto.

Meses 5 a 8

Estudo compartilhado e supervisionado da bibliografia específica sobre as línguas e os *corpora* míticos e poéticos dos povos Tikmu'un e Pataxó.

Apoio na produção das viagens de docentes convidados, na gestão dos locais e alimentação das oficinas e viagens, preparação dos deslocamentos dos participantes das oficinas, junto à Superintendência de Assuntos Indígenas. Preparação de certificados.

Meses 9 a 12

Participação nas oficinas: "Pensando a língua"; "Cantos e histórias Tikmu'un_Maxakali"; "Metodologias de revitalização e retomada das línguas"; "Experiências de alfabetização e de ensino de línguas nas escolas indígenas"; "Oficina de escuta: ferramentas e processos de conscientização da realidade sonora". Apoio na produção das oficinas e da viagem dos participantes indígenas: alimentação, transporte. Trabalho de registro, documentação e arquivo dos materiais produzidos nas oficinas.

Meses 13 a 16

Trabalho final de registro, documentação e arquivo dos materiais produzidos nas oficinas. Participação obrigatória nas reuniões de estudo e trabalho da equipe de pesquisadores indígenas e de um dos grupos de pesquisa envolvidos no projeto. Estudo bibliográfico referenciado: coletar e compartilhar artigos sobre as temáticas das oficinas disponíveis no SciELO e em outras bases eletrônicas, bem como teses e dissertações sobre o tema.

Meses 17 a 20

Participação na produção de textos e edição do material recolhido (texto, desenhos). Qualificação e investigação do material a partir de novas incursões junto aos mestres e narradores.

Mês 21

Participação na elaboração dos produtos finais (escritos e vídeos) e consolidação do material produzido nos encontros/oficinas para produção do filme/livro.

Plano de trabalho 7, 8, 9

OBJETIVO

Inserir o/a estudante nas redes de sociabilidade tecidas entre a UFSB, as escolas da rede de ensino do município de Porto Seguro (Ba) e a comunidade, como modo de promover a valorização das línguas e cultura indígena, contribuindo para respeitar e difundir conhecimentos e produções artísticas desse povos. Tal objetivo se apoiará no estudo da filmografia produzida por realizadores indígenas nas três últimas décadas e nos estudos propostos pelos CCs: Estéticas ameríndias; Regiões etno-linguísticas nas Américas, Campo de educação básica: saberes e práticas; Cinema e processos de subjetivação nas Américas.

ATIVIDADES A SEREM DESENVOLVIDAS

Meses 1 a 4

Estudo compartilhado e supervisionado da filmografia dos e sobre os povos indígenas. Participação obrigatória nas reuniões de estudo da equipe de pesquisadores indígenas e de um dos grupos de pesquisa envolvidos no projeto.

Meses 5 a 8

Estudo compartilhado e supervisionado da bibliografia sobre os povos indígenas em geral, com ênfase nos trabalhos que tratam de sua riqueza cultural e artística. Este trabalho de compilação será realizado em bibliotecas digitais como SciELO e outras, no Banco CAPES de teses e dissertações, catalogando cartilhas e material didático já produzido em meio impresso e em sites de obras artísticas como, por exemplo, a Bienal Internacional de Arte de São Paulo. Mapeamento da rede escolar de Porto Seguro com o levantamento de dados relativos às escolas e à comunidade escolar; preparação de certificados e definição de metodologias de abordagem do tema nas escolas.

Meses 9 a 12

Trabalho em equipe, sob orientação, de pesquisa, seleção e composição de acervo de filmes sobre povos indígenas e diversidade cultural. Produção orientada de palestras e mini-cursos a serem realizados nas escolas da rede. Articulação junto às Secretarias Municipais e Estaduais de Educação para agendamento das atividades.

Meses 13 a 16

Participação ativa na primeira Oficina de cinema e audiovisual indígena. Apoio técnico na gestão de equipamentos, lista de frequência, alimentação. Trabalho com a organização dos arquivos e *backups*. Leitura e sistematização compartilhada de referências bibliográficas sobre Universidade e Sociedade, tendo como foco o Plano Orientador da UFSB e a educação básica no contexto regional de sua abrangência.

Meses 17 a 20

Participação no planejamento e realização dos fóruns de debates, sessões de filmes, rodas de conversas e das caravanas UFSB nas escolas de Porto Seguro.

Mês 21

Realização de relatórios, textos e participação em grupo de estudo e de orientação.

Plano de trabalho 10, 11

OBJETIVO

Inserir o/a estudante nas redes de sociabilidade tecidas entre a UFSB, as escolas da rede de ensino do município de Porto Seguro (Ba) e a comunidade, como modo de promover a valorização das epistemologias e cultura indígena, contribuindo para respeitar e difundir conhecimentos e produções artísticas e de conhecimento matemático desse povos. Tal objetivo se apoiará no estudo da etnomatemática dentro dos CCs: Estéticas ameríndias; Regiões etno-linguísticas nas Américas, Campo de educação básica: saberes e práticas; Matemática no cotidiano, Matemática no espaço.

ATIVIDADES A SEREM DESENVOLVIDAS

Meses 1 a 4

Estudo compartilhado e supervisionado da etnomatemática e sobre os conhecimentos validados pelos povos indígenas. Participação obrigatória nas reuniões de estudo da equipe de pesquisadores indígenas e de um dos grupos de pesquisa envolvidos no projeto.

Meses 5 a 8

Estudo compartilhado e supervisionado da bibliografia sobre os povos indígenas em geral, com ênfase nos trabalhos que tratam de sua riqueza cultural e artística. Este trabalho de compilação será realizado em bibliotecas digitais como SciELO e outras, no Banco CAPES de teses e dissertações, catalogando cartilhas e material didático já produzido em meio impresso e em sites de obras artísticas como, por exemplo, a Bienal Internacional de Arte de São Paulo. Mapeamento da rede escolar de Porto Seguro com o levantamento de dados relativos às escolas e à comunidade escolar; preparação de certificados e definição de metodologias de abordagem do tema nas escolas.

Meses 9 a 12

Trabalho em equipe, sob orientação, de pesquisa, seleção e composição de acervo de trabalhos com matemática sobre povos indígenas e diversidade cultural. Produção orientada de palestras e mini-cursos a serem realizados nas escolas da rede. Articulação junto às Secretarias Municipais e Estaduais de Educação para agendamento das atividades.

Meses 13 a 16

Participação ativa no Laboratório de Matemática da Licenciatura Interdisciplinar de Matemática. Apoio técnico na gestão de equipamentos, lista de frequência, alimentação.. Leitura e sistematização compartilhada de referências bibliográficas sobre Universidade e Sociedade, tendo como foco o Plano Orientador da UFSB e a educação básica no contexto regional de sua abrangência.

Meses 17 a 20

Participação no planejamento e realização dos fóruns de debates, sessões de filmes, rodas de conversas e das caravanas UFSB nas escolas de Porto Seguro.

Mês 21

Realização de relatórios, textos e participação em grupo de estudo e de orientação.

Acompanhamento e avaliação: Cada Plano terá carga horária semanal de 20h e contará com cinco bolsistas. O/A bolsista terá um dos integrantes da equipe docente como

orientador e tutoria de residentes ou mestrandos dos PPGs de Artes ou Educação da UFSB. Como estudantes das LIs, realizarão estas atividades em diversos componentes curriculares de Formação Geral, mas também em CC “Práticas compartilhadas” (Estágio supervisionado) em “Ateliês de Prática Artística” e outros CCs de terceiro ciclo. Sua participação em grupos de pesquisa e em reuniões semanais com orientadores permitirá o acompanhamento e a avaliação processual e cumulativa de seus trabalhos. Serão realizados, obrigatoriamente, comunicações em eventos em escolas da rede e na UFSB e IES parceiras e pequenos artigos de reflexão e/ou relatos de experiência sobre os trabalhos desenvolvidos.

4.8. Outras despesas

Outras Despesas			
Apagar	Descrição	Fonte	Custo
<input type="checkbox"/>	<u>INSS - 11 %</u>	Arrecadação	R\$ 0,00
<input type="checkbox"/>	<u>ISS - 5 %</u>	Arrecadação	R\$ 0,00
<input type="checkbox"/>	<u>PATRONAL - 20 %</u>	Arrecadação	R\$ 0,00
SubTotal 1			R\$ 0,00
<input type="checkbox"/>	<u>INSS - 11 %</u>	IES (MEC)	R\$ 0,00
<input type="checkbox"/>	<u>ISS - 5 %</u>	IES (MEC)	R\$ 0,00
<input type="checkbox"/>	<u>PATRONAL - 20 %</u>	IES (MEC)	R\$ 0,00
SubTotal 2			R\$ 0,00
<input type="checkbox"/>	<u>INSS - 11 %</u>	Terceiros	R\$ 0,00
<input type="checkbox"/>	<u>ISS - 5 %</u>	Terceiros	R\$ 0,00
<input type="checkbox"/>	<u>PATRONAL - 20 %</u>	Terceiros	R\$ 0,00
SubTotal 3			R\$ 0,00
Total			R\$ 0,00

4.9. Orçamento consolidado

Orçamento Consolidado

Elementos de Despesa	Arrecadação	Instituição (MEC)	Terceiros	Total
Bolsa - Auxílio Financeiro a Estudantes (3390-18)	0,00	92.400,00	0,00	92.400,00
Bolsa - Auxílio Financeiro a Pesquisadores (3390-20)	0,00	0,00	0,00	0,00
Subtotal 1	0,00	92.400,00	0,00	92.400,00
Diárias - Pessoal Civil (3390-14)	0,00	50.320,00	0,00	50.320,00

Material de Consumo (3390-30)	0,00	3.900,00	0,00	3.900,00
Passagens e Despesas com Locomoção (3390-33)	0,00	13.000,00	0,00	13.000,00
Serviços de Terceiros - Pessoa Física (3390-36)	0,00	0,00	0,00	0,00
Serviços de Terceiros - Pessoa Jurídica (3390-39)	0,00	64.000,00	0,00	64.000,00
Equipamentos e Material Permanente (4490-52)	0,00	76.100,00	0,00	76.100,00
Outras Despesas	0,00	0,00	0,00	0,00
Impostos	0,00	0,00	0,00	0,00
Subtotal 2	0,00	207.320,00	0,00	207.320,00
Total	0,00	299.720,00	0,00	299.720,00